



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

BISSEXUALIDADE(S): CRENÇAS E OPINIÕES

Joana Almoester Alberto

Orientação: Prof.^a Doutora Madalena Melo

Coorientação: Prof. Doutor João Manuel de Oliveira

Mestrado em Psicologia

Especialização em Psicologia da Educação

Dissertação

Évora, 2018



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Escola de Ciências Sociais

Departamento de Psicologia

Bissexualidade(s): Crenças e opiniões

Joana Almoster Alberto

Orientação: Prof.^a Doutora Madalena Melo

Coorientação: Prof. Doutor João Manuel de Oliveira

Mestrado em Psicologia

Especialização em Psicologia da Educação

Dissertação

Évora, 2018



“The word is not to be divided into sheep and goats, and not all things are black nor all things white. It is a fundamental of taxonomy that nature rarely deals with discrete categories. Only the human mind invents categories and tries to force facts into separate pigeon-holes. The living world is a continuum in each and every one of its aspects. The sooner we learn this concerning human sexual behavior, the sooner we shall reach a sound understanding of the realities of sex.”

Alfred C. Kinsey

Agradecimentos

Antes de mais, gostaria de agradecer a todas as pessoas que responderam ao meu questionário e também a todos os professores desta Universidade que contribuíram para que isso fosse possível. Muito obrigada! Sem vós esta dissertação não seria possível.

Queria, deixar um agradecimento à minha orientadora, Professora Madalena Melo, por toda a disponibilidade e incentivo. Pela partilha de conhecimentos e por me ensinar que existem dois tipos de teses: as perfeitas e as acabadas.

Agradecer também ao meu coorientador, Professor João Manuel de Oliveira, pela simpatia, pela disponibilidade e pelo apoio ao longo deste trabalho.

Não poderia deixar de agradecer aos meus pais por me permitirem ter a formação que sempre quis e por abdicarem de tanto para que tudo fosse possível. Por todo o apoio, por estarem sempre lá para o que der e vier e por fazerem mais do que podem pela filha.

A toda a minha família e aos meus amigos que sempre estiveram lá para me apoiar em todos os momentos que levaram a esta etapa final. Em especial à Rita Almoster que desde o primeiro dia esteve presente.

À Joana Carlos, pela partilha desta longa jornada que sabemos perfeitamente que vale mais do que apena. Por todos os momentos: bons e menos bons, que nos fizeram crescer e cada vez mais querer isto!

À Joana Santos, um grande obrigada por tudo. Pelo apoio incondicional, pela paciência, por me chamares à razão quando é preciso e por me dizeres aquilo que às vezes não me apetece ouvir. Por todas as conversas, pela partilha e pelos ensinamentos, pelas “discussões” sem conclusão e por me ensinares que não podia querer fazer mais do que aquilo que podia. Obrigada por toda esta caminhada e por estares sempre presente. Porque és uma parte importante, és a irmã mais velha que a Universidade/Vida me deu.

Resumo: Bissexualidade(s): Crenças e opiniões

Este estudo tem como objetivo conhecer atitudes de indivíduos heterossexuais, homossexuais e bissexuais face à bissexualidade feminina e masculina e eventuais diferenças. Para a realização do estudo foi utilizado um Questionário Sociodemográfico e recorreu-se à construção/adaptação de um Questionário de Atitudes Face à Bissexualidade que conta com duas escalas: Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina (EAFB-Feminina) e Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Masculina (EAFB-Masculina).

O estudo contou com uma amostra de 384 estudantes da Universidade de Évora das diversas áreas de estudo. Os principais resultados da investigação apontam para que haja uma diferença de opiniões face à bissexualidade feminina e masculina. Neste sentido, a bissexualidade masculina é mais discriminada e considerada mais instável do que a bissexualidade feminina. No entanto a bissexualidade feminina é mais rejeitada enquanto identidade do que a bissexualidade masculina.

Palavras-chave: Bissexualidade; Identidade Bissexual; Crenças; Opiniões; Discriminação.

Abstract: Bisexuality(ies): Beliefs and opinions

This study aims to know the attitudes of heterosexual, homosexual and bisexual individuals towards female and male bisexuality and possible differences. To carry out the study was used a sociodemographic questionnaire and there was a need to build/adapt a Attitudes Regarding Bisexuality Questionnaire that counts with two scales: Attitudes Regarding Female Bisexuality Scale and Attitudes Regarding Male Bisexuality Scale.

The study had a sample of 384 students from the University of Évora from the different study areas. The main results of the research point out that there is a difference of opinion regarding female and male bisexuality. In this sense, male bisexuality is more discriminated and considered more unstable than female bisexuality. However, female bisexuality is more rejected as an identity than male bisexuality.

Keywords: Bisexuality; Bisexual identity; Beliefs; Opinions; Discrimination.

Índice

Resumo: Bissexualidade(s): Crenças e opiniões	II
Abstract: Bissexuality(ies): Beliefs and opinions	III
Índice de Tabelas	VI
Índice de Anexos	VI
Introdução.....	1
Glossário.....	4
Parte I – Enquadramento.....	7
1. Orientação Sexual	7
1.1. Binarismo Sexual.....	10
1.2. Fluidez Sexual.....	12
Heteronormatividade	13
2. Bissexualidade(s)	15
2.1. Perspetivas teóricas	15
2.2. Bissexualidade e Monogamia.....	17
2.3. Identidade Bissexual.....	19
2.4. Preconceitos e Invisibilidade.....	28
Parte II – Estudo Empírico	34
1. Considerações Prévias.....	34
2. Objetivos e Questões de Investigação.....	35
3. Instrumentos.....	35
3.1. Questionário Sociodemográfico.....	35
3.2. Questionário de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina e Masculina.....	36
4. Procedimentos.....	39
4.1. Procedimentos de Recolha de dados	39
4.2. Procedimento de Análise de dados	40
5. Participantes.....	42
6. Apresentação e Análise dos Resultados.....	43
6.1. Análise Psicométrica das Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina e Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Masculina	43
Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina (EAFB-Feminina).....	44
Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Masculina (EAFB-Masculina).....	45
6.2. Respostas às Questões de Investigação.....	48
6.2.2. <i>Existem diferenças de opinião face à bissexualidade feminina e/ou masculina em função do sexo?</i>	49

6.2.3. <i>Existem diferenças de opinião face à bissexualidade feminina e masculina em função da orientação sexual?</i>	51
6.2.4. <i>Existem diferenças de opiniões face à bissexualidade feminina e masculina em função da idade?</i>	52
6.2.5. <i>Existem diferenças de opinião face à bissexualidade feminina e masculina em função da Posição Política?</i>	52
6.2.6. <i>Existem diferenças de opinião face à bissexualidade feminina e masculina em função da posição religiosa?</i>	53
6.2.7. <i>O conhecimento de alguém bissexual e o nível de proximidade pode influenciar as atitudes face à bissexualidade feminina e masculina?</i>	54
Diferenças de médias em relação ao Conhecimento de Alguém Bissexual	54
Diferenças de médias em relação ao Nível de Proximidade	55
7. Discussão	57
8. Conclusões	64
Limitações do estudo/ Sugestões para estudos futuros	65
Implicações para a intervenção/prática	66
Referências	68

Índice de Tabelas

Tabela 1_ <i>Distribuição dos/as participantes por Sexo e Orientação Sexual</i>	42
Tabela 2. <i>Distribuição dos/as participantes por Sexo e Conhecimento de Alguém Bissexual</i>	43
Tabela 3. <i>Estrutura fatorial da Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina</i> ...	45
Tabela 4. <i>Estrutura fatorial da Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Masculina</i> .	46
Tabela 5. <i>Coeficientes de Correlação de Person entre os fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina</i>	48
Tabela 6. <i>Comparação de Médias e Desvios Padrão entre os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina (paired sample t-test)</i>	48
Tabela 7. <i>Comparação de Médias e Desvios Padrão entre Sexo e os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina</i>	49
Tabela 8. <i>Comparação de Médias e Desvios Padrão do Sexo Masculino e os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina (paired sample t-test)</i>	50
Tabela 9. <i>Comparação de Médias e Desvios Padrão do Sexo Feminino e os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina (paired sample t-test)</i>	50
Tabela 10. <i>Comparação de Médias e Desvios Padrão entre a Orientação Sexual e os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina (teste t)</i>	51
Tabela 11. <i>Comparação de Médias e Desvios Padrão entre a Posição Política e os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina (ANOVA oneway)</i>	52
Tabela 12. <i>Comparação de Médias e Desvios Padrão entre a Posição Religiosa e os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina (ANOVA oneway)</i>	53
Tabela 13. <i>Comparação de Médias e Desvios Padrão entre o Conhecimento de Alguém Bissexual e os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina (teste t)</i>	54
Tabela 14. <i>Comparação de Médias e Desvios Padrão entre o Grau de Proximidade e os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina (ANOVA oneway)</i>	55

Índice de Anexos

Anexo 1 – Autorização do uso da Escala

Anexo 2 – Consentimento Informado

Anexo 3 – Questionário de Atitudes face à Bissexualidade Feminina e Maculina

Introdução

Olhando para a nossa sociedade atual, é visível uma crescente preocupação relacionada com as temáticas que envolvem a população Lésbica, Gay e Bissexual (LGB), assistindo-se a grandes mudanças sociais e políticas na forma como essas temáticas são encaradas.

Tendo em conta essas mudanças sociais e políticas, algumas investigações mostram que o preconceito assume formas menos claras. Cada vez mais atitudes refletem normas politicamente corretas, o que não quer dizer necessariamente que haja uma diminuição do preconceito, mas sim que este se apresenta de uma forma mais “subtil” (Dovidio & Gaertner, 2000; Krolikowsky, 2011).

No entanto, e tal como Moleiro, Pinto e Pereira (2012, pp. 9) afirmam “devido à falta de pesquisa sistematizada nesta área, nem sempre é fácil obter dados fiáveis acerca da realidade social portuguesa. As pessoas LGBT podem enfrentar a rejeição, o ostracismo e algum tipo de dano por parte de uma sociedade que pouco as legitima e, nestas circunstâncias, a negociação da visibilidade poderá ser um desafio importante”.

Neste sentido, e apesar de muitas investigações abordarem o tópico da bissexualidade (Galupo, 2011; Bauer & Brennan, 2013), poucas são as que têm explorado como é que indivíduos bissexuais definem a sua sexualidade. Estas investigações não têm tido em consideração a variação das definições consoante o contexto social, nomeadamente na forma como as pessoas se definem a elas mesmas, o que poderá diferenciar das definições partilhadas com outros (Flanders, LeBreton, Robison, Bian & Caravaca-Morena, 2016).

Além dos problemas de definição, o viés metodológico tem dificultado a nossa compreensão da bissexualidade. Muitas das investigações sobre a sexualidade no passado focaram-se nas diferenças entre gays/lésbicas e heterossexuais. Quando indivíduos bissexuais são incluídos nos estudos de orientação sexual, por norma estão ligados a indivíduos gays/lésbicas, o que pode refletir um viés histórico que assume bissexuais como sendo “na realidade” lésbicas e gays (Moore & Norris, 2005).

O contexto universitário é fundamental no desenvolvimento de todos/as os/as jovens, independentemente da sua orientação sexual (Bowen & Bourgois, 2001). O desenvolvimento da identidade envolve o confronto do indivíduo com o seu corpo e com a sua aparência, o confronto com o seu género e orientação sexual, sentido do self num

contexto social, histórico e cultural, clarificação do conceito do self ao longo de papéis e estilos de vida, sentido do self em resposta ao feedback por parte de outros importantes, aceitação do si e a sua autoestima e a estabilidade pessoal e integração (Chickering & Reisser, 1993).

Os estudantes Universitários possuem características que mudam ao longo do seu percurso nos anos da universidade. Descobrir emoções, sentimentos, independência e conquistas faz parte da transição dos estudantes universitários, nomeadamente na exploração, no estabelecer de uma identidade e no desenvolvimento das suas características (Larrosa e Butrer, 2000).

Desta forma, o estudo foi concebido no sentido de refletir sobre a falta de investigação sobre a bissexualidade, como também para retratar a bissexualidade enquanto uma orientação sexual independente.

Assim, o presente estudo tem como objetivo conhecer atitudes de indivíduos heterossexuais, homossexuais e bissexuais face à bissexualidade feminina e masculina e eventuais diferenças. É também objetivo desta investigação conhecer as propriedades psicométricas do Questionário utilizado.

A primeira parte do estudo destina-se ao enquadramento teórico do mesmo e está dividido em dois capítulos. No primeiro, serão apresentados vários conceitos relacionados com a orientação e identidade sexual. Serão também exploradas várias questões em torno do binarismo e da fluidez sexual. O segundo capítulo explora as perspetivas teóricas associadas à bissexualidade e a sua relação com a monogamia. São ainda, apresentados modelos de identidade bissexual e por fim serão abordados preconceitos face à bissexualidade e à sua invisibilidade. Apartir do enquadramento teórico efetuado são elaborados os objetivos do estudo.

A segunda parte do trabalho diz respeito ao estudo empírico. São apresentadas considerações prévias, onde se problematizam alguns condicionalismos relativos ao desenvolvimento do estudo empírico. De seguida apresentam-se as questões de investigação do estudo. Posteriormente, será apresentada a construção das Escalas de Atitudes face à Bissexualidade Feminina e Masculina. Serão ainda, descritos os procedimentos realizados, divididos entre procedimentos de recolha de dados e procedimentos de análise de dados, bem como a apresentação dos participantes do estudo. Em seguida, será apresentada a análise dos resultados, dividindo-se entre a análise psicométrica das Escalas de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina e

Masculina, a análise descritiva dos instrumentos e ainda a análise inferencial dos resultados de forma a responder às questões de investigação.

Por fim, será apresentada a discussão dos resultados, seguido das conclusões do estudo e das limitações do mesmo. Apresentar-se-ão, também sugestões para estudos futuros e implicações da presente investigação para a intervenção/prática na psicologia.

Glossário

Apresentam-se em seguida, alguns conceitos que serão abordados, mas que não sendo o tema central da mesma serão apresentados de uma forma sucinta neste glossário para um melhor enquadramento da temática. As definições dos conceitos baseiam-se essencialmente na American Psychological Association (2015), bem como noutros autores.

Assexual – Refere-se a uma pessoa que não experiencia atração sexual ou tem pouco interesse em atividades sexuais (American Psychological Association - APA, 2015).

Pansexual - Termo similar à “bissexualidade”, mas mais inclusivo de pessoas transsexuais. Também mostra uma consciencialização do género binário implícito no termo “bissexual”. É mais comum ser usado fora da linguagem académica como uma identidade sexual (Elizabeth, 2013 citado por APA, 2015).

Queer – É um termo “chapéu” que os indivíduos podem usar para descrever uma orientação sexual, identidade de género, ou expressão de género que não está em conformidade com as normas sociais dominantes. Historicamente, tem sido considerado um termo pejorativo e pode continuar a ser usado por alguns indivíduos com conotações negativas. No entanto, muitos indivíduos LGBT hoje em dia adotam esse termo de uma forma neutra e positiva (Russel, Kosciw, Horn & Saewyo, 2010 citado por APA, 2015). Alguns jovens podem adotar “*queer*” como um termo de identidade para evitarem limitar-se a eles mesmos aos géneros binários de masculino e feminino ou pelas restrições percebidas impostas pela orientação sexual lésbica, gay e bissexual (Rivers, 2010 citado por APA, 2015).

Questionando (Questioning) – É uma categoria de identidade para uma pessoa que está a explorar a sua orientação sexual ou identidade de género, e que está num estado moratório em termos da formação de identidade (APA, 2015).

Transgénero – É um termo “chapéu” que incorpora diferenças na identidade de género, onde o sexo biológico atribuído a um indivíduo não corresponde à identidade sentida. Este termo “chapéu” inclui pessoas que sentem que não se enquadram na estrutura sexual dicotómica na qual são identificados como homem ou mulher. Indivíduos nesta categoria podem sentir que estão no género “errado”, mas essa perceção pode não corresponder com o desejo de reatribuição cirúrgica ou hormonal (Meier & Labuski, 2013 citado por APA, 2015).

Não-monogamia consensual (Consensual Non-monogamy (CNM)) – Engloba uma grande variedade de relações nas quais todos os indivíduos na(s) relação(ões) concordam em envolver-se em múltiplas relações de carácter sexual, romântico e/ou emocional com outros (Conley, Ziegler, Moors, Matsick & Valentine, 2013). As relações não-monogâmicas consensuais podem ser: intencionalmente não-monogâmicas (Nöel, 2006), negociadas não-secretas e não-monogâmicas (Jamieson, 2004) ou responsabilmente não-monogâmicas (Klesse, 2006). Os aspetos em comum transversais a todos os estilos de relações é que todos os parceiros estão conscientes e em concordância com o aspeto da não-monogamia (quer seja emocional e/ou sexual) no tipo de relacionamento. Este termo pode incluir vários tipos de relações como é o caso do Relacionamento Aberto e a Poligamia.

Relacionamento Aberto – Este termo é usado para refletir acordos através dos quais os parceiros do relacionamento procuram relações sexuais (nem românticas, nem amorosas) independentemente um do outro (em contraste com *swingers*, que podem procurar relações sexuais extra enquanto os parceiros estão presentes) (Matsick, Conley, Ziegler, Moors, Rubin, 2014).

Poligamia – Poligamia consiste no casamento de um homem com várias mulheres, ou seja, vários matrimónios. Sendo um tipo de relacionamento aceite em vários países e por algumas religiões (Ludovico, França, Schwantes, Graciotto & Gonçalves, 2015). Outra das definições associadas à poligamia pode dizer respeito a indivíduos que adotam a ideia de múltiplos relacionamentos amorosos ou “vários/as namorados/as” (Haritaworn, Lin & Klesse, 2006). Dentro de relacionamentos poligâmicos parceiros podem envolver-se em vários relacionamentos em simultâneo que podem ser emocional, romântico e/ou sexualmente íntimos (Matsick et al, 2014). Nos relacionamentos poligâmicos é mais provável descrever os vários relacionamentos como tendo uma componente emocional ou romântica, em vez de ser estritamente sexual (Klesse, 2006).

Bifobia – O termo está associado com preconceito anti-bissexual e/ou discriminação por parte de um indivíduo ou instituição (Roberts, Horne & Hoyt, 2015). A bifobia é definida como comportamentos, atitudes e estruturas negativas no que diz respeito a pessoas que se sentem mais atraídas por outros que não só o próprio sexo, tendo recebido muito menos atenção académica do que a homofobia ou a transfobia (Monro, Hines & Osborne, 2017).

Monossexismo – Refere-se a uma perceção essencialista das orientações sexuais como só ocorrendo entre membros do mesmo sexo ou de sexos diferentes (Klesse, 2011). Monossexismo é a crença de que pessoas são, ou podem ser, apenas heterossexuais ou homossexuais. Desta forma, este conceito reduz o *continuum* da sexualidade humana numa visão dualística da sexualidade que constrói a sexualidade como sendo aceitável ou não (Roberts et al. 2015). Monossexismo reforça a ideologia binária na suposição que só existe um género similar e um oposto com o qual os indivíduos podem desenvolver atrações, e que essa atração face a esses géneros é linear com a heterossexualidade num ponto e a identidade lésbica/gay como oposto (Diamond, 2008).

Parte I – Enquadramento

1. Orientação Sexual

A American Psychological Association - APA (2015) define orientação sexual como uma componente de identidade que inclui uma atração emocional e sexual de uma pessoa por membros do mesmo sexo (homossexualidade), atração por membros de sexo diferente (heterossexualidade) e atração por membros dos dois sexos (bissexualidade).

Bailey et al. (2016) refere no seu trabalho diversas premissas, como é o caso de ser defendido que só existem algumas categorias de orientação sexual distintas. Por outro lado, Savin-Williams (2016) defende que a orientação sexual não deveria ser reduzida a duas ou três categorias (homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade). Este autor propõe que a cada categoria se acrescente a expressão “em variados graus”, referindo-se assim a um contínuo sexual.

Esta discussão retoma os trabalhos de Storms (1980) que sugere uma alternativa ao modelo bidimensional (heterossexualidade e homossexualidade) referindo contínuos independentes para o heteroeroticismo e homoeroticismo resultando em quatro distintos tipos de orientação sexual: homossexualidade (elevado homoeroticismo, baixo heteroeroticismo), heterossexualidade (baixo, homoeroticismo, elevado heteroeroticismo), bissexualidade (elevado homoeroticismo, elevado heteroeroticismo) e assexualidade (baixo homoeroticismo, baixo heteroeroticismo).

A orientação sexual pode ser definida como um construto multidimensional incluindo três dimensões que ocorrem ao longo de um contínuo: identidade, atração e comportamento (Laumann, Gagnon, Michael & Michaels, 1994).

Há um certo consenso no campo científico a respeito da orientação sexual ser composta pelo menos por três dimensões – desejo, comportamento e identidade – e que estas dimensões não devem ser vistas de forma linear. Desta forma, não se deve presumir uma ligação direta e necessária entre o desejo que um indivíduo sente, o seu comportamento sexual e o modo como se percebe a si mesmo. Assim, é importante que se diferenciem os conceitos e que sejam tidos em conta quando se aborda a temática da orientação sexual (Heilborn et al., 2009).

Kinsey em 1940 mostrou que o comportamento sexual, pensamentos e sentimentos face ao outro sexo nem sempre são consistentes ao longo do tempo. Em vez de ser atribuído aos indivíduos três categorias – heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade – a equipa de investigadores usou uma escala de sete pontos (respostas entre 0 – 6, com uma categoria adicional: X) (Kinsey Institute, 2017). A escala demonstra que indivíduos que se auto categorizam em 0 reportam ser exclusivamente heterossexuais (comportamento e atração por indivíduos do outro sexo) e os indivíduos em 6 reportavam exclusividade homossexual (comportamento e atração por indivíduos do mesmo sexo). A classificação de 1 a 5 diz respeito a níveis variados de atração ou atividade sexual para com os dois sexos. Nos estudos originais de Kinsey, a categoria X designa um grupo de indivíduos que reporta não ter contacto socio-sexual ou relações ao longo das suas entrevistas. Esta escala proporciona uma forma de medir a sexualidade que se move para além do modelo de categorias binárias, para um que se aproxima a um *continuum* (Anderson & McCormak, 2016).

Com o intuito de falar sobre todos os componentes, para uma melhor compreensão da bissexualidade, vários investigadores têm tentado examinar a orientação sexual como um construto que inclui mais do que só o comportamento, a identidade e o desejo sexual que estão envolvidos na escala de Kinsey (1940), sendo também possível ter em consideração aspetos temporais da vida de um indivíduo (Anderson & McCormak, 2016).

Um dos estudos mais relevantes sobre a bissexualidade é a escala de orientação sexual de Klein que vem responder a estas críticas, mesmo não abordando todos os aspetos relacionados com a sexualidade humana (Anderson & McCormak, 2016). Assim, Klein desenvolveu a “Klein Sexual Orientation Grid” que divide o comportamento sexual em mais categorias aprimoradas através do passado, presente e do futuro ideal: atrações, comportamentos, fantasias, preferência emocional, preferência social, autoidentificação e preferência de um estilo de vida heterossexual/homossexual (Klein, 1990 citado por Drucker, 2012).

Por outro lado, Anderson e McCormak (2016) desenvolveram os “termómetros da sexualidade” onde era esperado que os participantes colocassem uma marca medindo a força do seu desejo por homens e mulheres separadamente, sendo-lhes explicado como uma medida de calor ou intensidade do seu desejo. Assim, existe uma deslocação

de um modelo unidimensional para um modelo bidimensional, que é responsável pela força do desejo ao longo da direção do desejo (face a homens e mulheres).

O ponto forte dos “termómetros da sexualidade” é que estes permitem que o participante descreva de forma rápida e precisa a força do desejo sexual em relação a cada sexo de forma independente. Para ilustrar o uso dos termómetros os autores proporcionam vários exemplos onde indivíduos podem indicar nos dois termómetros o equivalente a *freezing*, o que significa que o indivíduo seria assexual. Enquanto que um indivíduo que marcasse os dois termómetros como *boiling* poderia ser considerado bissexual com um robusto desejo sexual, mas se a marca fosse realizada a meio dos termómetros indicaria que o indivíduo podia ser considerado bissexual, mas com um nível do desejo sexual mais baixo. Uma questão importante traduz-se no facto de os autores não colocarem uma escala ao longo do termómetro para evitar que os participantes tentassem igualar percentagens.

No entanto, este modelo pode também ser criticado pelo poder do desejo sexual que é estimado e não necessariamente outros aspetos mais confiáveis como consequência da adoção de um *continuum*. Os autores realçam que outras escalas têm o mesmo problema, sem os benefícios de uma abordagem contínua: por exemplo, uma das críticas à escala de Kinsey é a de não existirem certezas de que duas pessoas que se posicionem no mesmo número tenham o mesmo nível de desejo. Por exemplo, a diferença entre identidade e orientação é um componente simples, mas fundamental da sexualidade (Anderson & McCormack, 2016).

A conceptualização do comportamento e a orientação são úteis em explorar diferentes aspetos da sexualidade, mas os mesmos termos também negligenciam outros componentes integrais, como por exemplo: por quem se é emocional, romântico e ainda socialmente atraído/a (Anderson & McCormack, 2016).

A construção da identidade relativamente à orientação sexual é uma tarefa de desenvolvimento única para todos os adolescentes e adultos emergentes, sendo mais preeminente para minorias sexuais como é o caso de adolescentes e adultos emergentes lésbicas, gays e bissexuais. Frequentemente referenciado como *coming out*, o processo normalmente começa na infância com o reconhecimento de atrações pelo mesmo género e continua por muitos anos enquanto o indivíduo ganha um sentido pessoal de si próprio e também estabelece uma identidade pública como gay, lésbica ou bissexual (Cass, 1996).

É fundamental perceber que o comportamento sexual e a orientação são absolutamente pessoais. No entanto, a pessoa não tem poder sobre a forma como os outros a definem; significando que a maneira como um indivíduo vê a sua orientação sexual pode não ser a maneira como os/as outros/outras a interpretam (Moss, 2012).

Davis e Neal (1996 citado por Almeida & Carvalheira, 2007) defendem que ter comportamentos ou atrações homossexuais não significa necessariamente que o indivíduo se identifique como homossexual. No sentido em que os comportamentos e as atrações são vividos pela própria pessoa relativamente às relações com os/as parceiros/as, enquanto que a identidade se relaciona com a forma como o indivíduo se vê a ele mesmo.

Todas as sociedades categorizam as características de um indivíduo como mais ou menos desejáveis, independentemente do seu valor ser objetivamente verdadeiro. Enquanto indivíduos, podemos perceber que características que consideramos desejáveis podem não estar em coerência com a sociedade. Ter características sociais de valor negativo pode implicar que os indivíduos que possuam essas características sejam menos desejáveis de alguma forma (Sinnott, 2016).

Se conscientemente, enquanto indivíduos concordarmos que vários traços são negativos, grupos estigmatizados são geralmente vistos como tendo esses traços. Ser lésbica, gay, bissexual, transsexual, sexualmente fluido ou *questioning* (LGBTFQ) coloca o indivíduo num subgrupo estigmatizado ao olhar da grande sociedade (Sinnott, 2016).

1.1. Binarismo Sexual

A construção social da sexualidade divide orientação sexual entre homossexualidade e heterossexualidade, levando à marginalização daqueles que não se identificam como pertencentes a essas categorias (Ochs, 1996 citado por Pereira, Becker & Gardiner, 2017).

A sociedade vê o mundo social através de um filtro semântico baseado em divisões binárias que se transformam na metáfora em como o mundo é organizado: rapaz ou rapariga, novo ou velho, feminino ou masculino, heterossexual ou homossexual, agressor ou vítima, *butch* ou *femme*, *top* ou *bottom*. Ao organizarem a linguagem de acordo com categorias de diferenças opostas, uma parte da dualidade é favorecida e preferida em vez de outra (Bereket & Brayton, 2008).

A dicotomia do desejo heterossexual e homossexual é uma realidade discrepante com várias das formulações na sexualidade. Tratar a bissexualidade como uma entidade discreta ao invés de a agrupar na discussão da homossexualidade apresenta uma série de definições e problemas conceptuais que realçam as falhas entre representações teóricas e a realidade da sexualidade humana (Paul, 1985).

A psicologia tem tradicionalmente apoiado a visão dicotómica da orientação sexual. Até recentemente, a heterossexualidade tem sido vista como um padrão normal de funcionamento, sendo a homossexualidade vista como um comportamento desviante a ser analisado e examinado. As bases teóricas da sexualidade têm refletido esta dicotomia e polarização. Especialmente o debate essencialismo/construção social tem denominado o campo com o seu foco nas origens e no desenvolvimento da orientação sexual e da identidade sexual (Bradford, 2004).

A preocupação com as categorias binárias é particularmente saliente no paradigma do sexo e género. Definições excessivamente simplificadas levam a induzir sentimentos de inadequação e exclusão para aqueles que não se identificam como heterossexuais, promovendo a discriminação com base na atração sexual, no desejo e no amor (Fantos, 2013).

Na nossa sociedade, a construção e manutenção de caixas e limites em relação ao sexo, género e sexualidade dependem de uma variedade de pressupostos. Primeiro, é assumido que existem dois e apenas dois sexos, géneros e sexualidades. Todas as pessoas são ou do sexo feminino ou masculino, do género feminino ou masculino e heterossexuais ou homossexuais. Ninguém pode não ser nenhuma (essas categorias são universalmente inclusivas), nem ninguém pode ser ambas (essas categorias também são exclusivas). Em segundo lugar, é também assumido que o sexo e o género são congruentes. Uma pessoa que pertence a uma categoria sexual (feminino ou masculino) é assumida como pertencendo a uma categoria do género correspondente ao sexo (Lucal, 2008).

No entanto, em alguns países pode-se ver algumas mudanças, como é o caso da Alemanha que foi o primeiro país da Europa a permitir que bebés nascidos com características de ambos os sexos fossem registados sem precisar de determinar se são do sexo feminino ou masculino. Além da Alemanha, também a Austrália e a Nova Zelândia permitiram a opção do terceiro género aos seus cidadãos e que a mesma fosse indicada em documentos como passaportes. Já Malta foi o primeiro país, em 2015, a

criar uma lei (Lei da Identidade de Género, Expressão de Género e Características Sexuais) que proíbe cirurgias e tratamentos às características sexuais de menores sem o seu consentimento informado. No que diz respeito a Portugal, foi no passado dia 13 de Abril de 2018 aprovado que maiores de 16 anos possam alterar o seu género e nome próprio no registo civil, sem necessidade de recorrer a qualquer relatório médico. Entre os 16 e os 18 anos, este procedimento terá de ser autorizado pelos representantes legais. O diploma proíbe ainda, “salvo em situações de risco para a saúde”, intervenções cirúrgicas ou farmacológicas que impliquem alterações de corpo ou características sexuais dos bebés e crianças intersexo.

1.2. Fluidez Sexual

A ideia de que a orientação sexual é fixa e inalterável tem sido alterada recentemente por uma variedade de perspetivas teóricas, designadamente as relacionadas com o construcionismo social e do desenvolvimento ao longo da vida (Kinnish, Strassberg & Turner, 2005).

Teóricos/as nestas áreas sugerem que a orientação sexual é flexível, evoluindo de forma contínua ao longo da vida. Nesta perspetiva, indivíduos podem experienciar transições na sua orientação sexual ao longo das suas vidas. A orientação sexual é vista como uma evolução contínua das experiências emocionais e sexuais do indivíduo, das interações sexuais e da influência do contexto cultural (Kinnish et al. 2005).

A bissexualidade também tem sido definida como uma sexualidade fluida que tem a capacidade de desafiar e quebrar os entendimentos binários do género e da sexualidade. Críticas comuns ao modelo de Kinsey surgem da ideia de que a bissexualidade está “no meio” de uma única escala entre heterossexualidade e homossexualidade, originando interpretações da bissexualidade como uma atração igual por homens e mulheres, ou por outro lado, como rejeição da ideia da sexualidade como um ponto médio fixo. Contrariamente, estes indivíduos vêm a sua atração como fluida e aberta à fluidez e mudança ao longo das suas vidas (Hayfield, 2016).

É possível que a relação entre atitudes face à bissexualidade e à fluidez sexual seja bidirecional, de modo a que atitudes positivas face à bissexualidade possam prever atitudes positivas face à fluidez sexual ou vice-versa (Katz-Wise & Hyde, 2015).

Devido à fluidez sexual, alguns indivíduos podem experienciar inesperadas variações nos seus sentimentos e comportamentos sexuais ao longo da vida, designadamente ao

encontrarem diferentes situações e relações, passando por diferentes estados da vida (Diamond, 2015).

McGonaghy's (1987,1999) evidencia o debate de categoria *versus continuum* como um dos maiores problemas por resolver na ciência da sexualidade e que assim persiste.

Um dos argumentos mais fortes relativamente à sexualidade é o não aprisionamento do desejo sexual de uma forma rígida e já estabelecida, ou seja, o desejo deve ser livre da identidade de género e sexual, da categorização, da normatização sendo direcionado a objetos que proporcionem o prazer, sem produzir danos ou prejuízos ao sujeito (Marques, Pavoni, Cavichio & Almeida, 2014).

Heteronormatividade

O conceito de heteronormatividade é geralmente associado a pesquisas centradas no heterossexismo, sendo que este termo tem vindo a ser utilizado em estudos *queer*. A heteronormatividade diz respeito à manutenção da heterossexualidade enquanto norma para pensar o comportamento de todos os indivíduos e pode ser definido como um sistema de crenças subjacente que institucionalizaram a heterossexualidade (Warner, 1993; Ingraham, 2006 citado por Costa, Oliveira & Nogueira, 2010).

O heterossexismo tem sido reconhecido como um problema social desde a ascensão dos movimentos ativistas de gays, lésbicas, bissexuais e transsexuais (LGBT) nos anos 70 do século XX. *“One of its manifestations is heteronormativity: the mundane production of heterosexuality as the normal, natural, taken-for-granted sexuality”* (Kitzinger, 2005). Uma das maiores realizações do movimento LGBT foi transformar “o problema da homossexualidade” no “problema do heterossexismo” (Kitzinger, 2005). Segundo Herek (1990, pp. 317) heterossexismo é definido como: *“as na ideological system that denies, denigrates, and stigmatizes any nonheterosexual form of behavior, identity, relationships, or community”*.

Morgan e Davis-Delano (2016) na análise dos dados recolhidos sugerem que é comum indivíduos afirmarem que não são gays nem lésbicas, como forma de marcarem a sua heterossexualidade.

Investigações realizadas até a data sobre Lésbicas, Gays e Bissexuais (LGBT) são conduzidas no sentido de investigar perspetivas relativamente a gays e lésbicas, no

entanto os estudos que investigam indivíduos bissexuais normalmente não averiguam esta orientação de uma forma separada da homossexualidade.

A questão central nos estudos da sexualidade humana concerne a estabilidade da orientação sexual, ou seja, se e em que grau a orientação sexual muda ou se mantém ao longo do tempo (Kinnish et al. 2005). Numa sociedade fortemente heterossexista, muitos pensam de uma forma dicotómica, vendo a heterossexualidade e a homossexualidade como um dualismo, o que pode levar a que a bissexualidade se torne invisível (Hartman, 2013; Hayfield, Clarke, Hilliwell & Malson, 2013; Rust, 2000 citado por Morgan & Davis-Delano, 2016).

Aqueles que se identificam como bissexuais encontram obstáculos na questão da visibilidade, um desses obstáculos é a ideia de estrutura dicotómica da sexualidade, que não cria espaço para aqueles cuja vida cai fora de dois supostamente opostos, mutuamente exclusivos e mutualmente categorias exaustivas: nomeadamente, heterossexualidade e homossexualidade (Hartman, 2013; Hartman-Linck, 2014).

Ao falar dos obstáculos à bissexualidade não poderiam deixar de ser referidas algumas características do *bisexual burden*. Nomeadamente o “apagar” da bissexualidade e o papel do heterossexismo no “apagar” da bissexualidade. A bissexualidade é muitas vezes apagada de determinadas culturas pelas normas heterossexistas e pelas atitudes monossexistas. Tal pode ser atribuído à substancial falta de comunidades bissexuais, enquanto que lésbicas e gays recebem apoio e validação por parte das suas comunidades, bissexuais são estigmatizados dentro dos dois mundos (homossexuais e heterossexuais) o que leva a que estes não recebam qualquer validação social. O heterossexismo diz respeito ao processo cultural no qual a sociedade privilegia a heterossexualidade. Focando-se naqueles com poder ao analisar o processo social da heterossexualidade. O heterossexismo é particularmente relevante para os bissexuais tendo em conta a sua relação com o monossexismo, privilegiando a heterossexualidade como uma sexualidade ideal e negando outras sexualidades como inferiores (Anderson & McCormack, 2016).

2. Bissexualidade(s)

2.1. Perspetivas teóricas

O significado do termo bissexualidade está longe de ser linear. Desde a sua emergência no século XIX na literatura da biologia, sociologia, medicina, psiquiatria e sexologia, o termo bissexualidade significou uma variedade de fenómenos (Bowie, 1992; Hemmings, 2002 citado por Klesse, 2011).

A bissexualidade inicialmente foi usada como significado da correspondência de características biológicas do organismo feminino e masculino, sendo um tipo de primordial hermafroditismo orgânico (Angelide, 2000; Storr, 1997 citado por Klesse, 2011). Desde metade do século XIX o termo bissexualidade é usado nos campos da anatomia e psicologia para se referir a formas de vida sexualmente indiferenciadas ou pensadas para exibir características de ambos os sexos.

No entanto, em 1915 Havelock Ellis começou a usar o termo “bissexual” para indivíduos que se sentissem atraídos pelos dois sexos, categorizando assim as pessoas em três tipos: heterossexuais, homossexuais e bissexuais. Este momento representa um ponto importante no desenvolvimento de noções contemporâneas da bissexualidade (Monro, 2015).

No início do século XX o conceito de bissexualidade é usado para descrever a combinação de masculinidade e feminidade de um indivíduo relativamente às características psíquicas e não físicas, começando por significar também uma atração sexual para com indivíduos de ambos os sexos (MacDowell, 2009).

Existe uma grande diversidade mesmo dentro do grupo de pessoas que possivelmente adotam o termo bissexualidade para a sua auto-definição. Para alguns indivíduos é apenas uma identificação temporal. Enquanto que, para outros, é necessária mais qualificação, elucidação ou explicação com outras identidades. Alguns indivíduos bissexuais tendem a usar referências de identidade hifenizadas como por exemplo: bi-curioso, bi-trans ou *bigender-queer* (Ault, 1999).

A literatura encara a bissexualidade através de duas perspetivas distintas. Uma delas define a bissexualidade como uma fase de transição e de desenvolvimento para uma orientação sexual Lésbica e Gay (LG) (Altshuler, 1984; Cass, 1979; Stokes, Damon & McKirman, 1997 citado por Brewster, 2008) ou heterossexual (Angelides, 2001 citado por Evans, 2003).

Esta perspetiva leva a que a bissexualidade seja vista, muitas vezes, como uma orientação “ilegítima” e instável, reforçando que existem apenas duas orientações sexuais: a homossexualidade e heterossexualidade (Fox, 1996 citado por Brewster, 2008), o que pode levar a que os indivíduos que experienciem uma atração bissexual se sintam confusos, frustrados e com falta de suporte social.

A bissexualidade também é por vezes vista como uma saída ou uma forma de ter “o melhor dos dois mundos” sem ter de se comprometer com um estilo de vida em particular ou com um parceiro em particular (Esterbeg, 1997; Rust, 1993 citado por Rust, 2000).

Pelo contrário, outras investigações revelam que a bissexualidade pode ser vista como legítima e como uma orientação estável (Bradford, 2004; Brown, 2002; Evans, 2003; Weinberg, Williams & Pryor, 1994; Zinik, 1985).

A bissexualidade tem tido cada vez mais visibilidade como uma orientação sexual, embora haja opiniões divergentes. Apesar de nos últimos anos ser notável uma maior aceitação de pessoas lésbicas e gays (LG), a orientação sexual continua a ser uma temática controversa que pode contribuir para a agressão e violência (Hans, Kersey & Timberly, 2012 citado por Matsuda, Rouse & Miller-Perrin, 2014).

Savin Williams (2005) concebe uma tipologia da bissexualidade, organizada em torno de três temas, aplicáveis a adultos emergentes. Primeiro, a bissexualidade como outra forma de sexualidade, sendo constrangida pela prevalência da heteronormatividade. Indivíduos podem expressar atrações por membros do mesmo sexo ou envolverem-se em comportamentos bissexuais como resultado de posições e restrições específicas do sujeito (Meyer, 2010).

Por outro lado, noutras situações indivíduos sabem que o seu desejo e comportamento são considerados bissexuais, mas recusam ativamente aceitar a bissexualidade como uma identidade. A heteronormatividade e uma visão dicotómica da sexualidade, estabelecem a identidade bissexual como um construto discutível. Por exemplo, a bissexualidade pode muitas vezes produzir uma incerteza contínua sobre a legitimidade da própria identidade (Weinberg et al. 1994). Em terceiro lugar, a bissexualidade pode ser definida pelas “escolhas” que um indivíduo faz relacionadas com as ligações românticas. Este tema relaciona-se com a nossa compreensão cultural da bissexualidade, impulsionada por “escolhas” futuras de atração e comportamento

sexual, principalmente em relação à “opção” de ambos os sexos como parceiros sexuais (Meyer, 2003).

Tal como Savin William, também Plante (2006) argumenta que interpretações do que “conta” como bissexuais varia amplamente entre grupos. Bissexuais muitas vezes são vistos como aqueles que já tiveram relações sexuais com pessoas do mesmo sexo e do outro sexo, enquanto que outros apontam que a bissexualidade é uma identidade política e social escolhida que não requer contacto sexual com qualquer dos sexos. Outra perspetiva é a de que a bissexualidade pode ser considerada um “veículo” pelo qual um indivíduo decide ser homossexual ou heterossexual, havendo ainda quem argumente que a bissexualidade é uma categoria de identidade legítima e permanente.

O termo “chapéu bissexual” (*bisexual umbrella*) é usado para descrever uma variedade de identidades não monossexuais, comportamentos e formas de atração. Apesar de incluir pessoas que se identificam como bissexuais também é usado para unir num grupo bissexuais com outras identidades não monossexuais, particularmente, pansexuais, *queer* e fluido sexualmente (Flanders, 2017).

2.2. Bissexualidade e Monogamia

Se por um lado, alguns homens e mulheres bissexuais precisam e desejam relacionamentos simultâneos com parceiros do sexo masculino e feminino, muitos heterossexuais (homens e mulheres), lésbicas e gays também desejam e têm relações não monógamas de uma maneira similar. Pode ser considerado um erro presumir que o desejo pela não monogamia entre homens e mulheres bissexuais resulta diretamente da sua bissexualidade (Garnets & Kimmel, 2003).

Apesar de existir um maior conhecimento do estilo de vida de bissexuais ao longo do tempo, a bissexualidade ainda é representada estereotipicamente em discursos populares sobre a sexualidade. Em particular, as relações íntimas que os bissexuais formam são muitas vezes mal representadas, com os bissexuais representados como promíscuos, enganosos e incapazes de se comprometer em relações de longo termo. Indivíduos bissexuais, muitos dos quais têm uma variedade de tipos de relações, dos quais alguns não são monógamos, são ostracizados não só por se encontrarem no meio do modelo dicotómico da sexualidade, mas também por não se conformarem com a estrutura de um relacionamento monógamo aceite pela sociedade (McLean, 2004).

No estudo de Anderson e McCormack (2016), os investigadores encontraram uma diminuição do “fardo” da bissexualidade nas relações, onde a maioria dos homens bissexuais entrevistados permanece a favor da monogamia. Resultados indicam que poucos participantes desejam uma relação aberta poliamor. A maioria idealizava a monogamia e procurava a fidelidade sexual nas suas relações amorosas, acrescentando ainda que a monogamia era a sua preferência de tipo de relacionamento e criticavam aqueles que não o achavam. Estas conclusões contrastam com investigações anteriores sobre a bissexualidade e a não monogamia (e.g. McLean, 2004; Weinberg et al., 1994; Moss, 2012). Autores como é o caso de Monro (2015) descrevem relacionamentos abertos e poliamor como tendo uma elevada percentagem na cultura bissexual, no entanto os investigadores do estudo sugerem que tal acontece porque bissexuais não monógamos estão mais inclinados para se unir a grupos do que bissexuais que procuram a monogamia.

Na sua natureza, a bissexualidade levanta problemas com a monogamia. Apesar de não ser necessário qualquer tipo de relação entre o potencial para ter relações com os dois sexos e na verdade tê-las, esta discussão não é muito comum. Algumas críticas vão tão longe como discutir que a monogamia bissexual é, por definição, impossível (Seidman, Fischer & Meeks, 2011).

Kenji Yoshino (2000) argumenta que indivíduos homossexuais e heterossexuais têm um interesse em definir-se em oposição aos bissexuais através da instituição da monogamia. Primeiramente, a monogamia é uma norma social, e apesar de heterossexuais, com acesso ao casamento legalmente, terem provavelmente mais investimento nessa norma do que homossexuais (lésbicas e gays), a monogamia tem recentemente vindo a tornar-se numa norma social junto de lésbicas e gays, particularmente depois do casamento homossexual e parcerias civis se tornarem legais em muitos países.

Um estereótipo comum é que os bissexuais são promíscuos devido a uma impossibilidade de se comprometerem com uma relação monógama a longo termo. Este estereótipo surge das conceções dualísticas da sexualidade Ocidental, onde a heterossexualidade e a homossexualidade são construídas como as duas formas básicas da sexualidade. Dentro desta visão, a bissexualidade pode ser conceptualizada como uma forma híbrida da sexualidade, na qual a heterossexualidade é misturada com a homossexualidade. Neste sentido, um indivíduo bissexual não é holisticamente bissexual, mas dualisticamente metade heterossexual, metade homossexual. Como a

heterossexualidade e homossexualidade são muitas vezes conceptualizados como formas opostas da sexualidade, acredita-se que bissexuais experienciam um conflito entre os seus “desejos heterossexuais” e os seus “desejos homossexuais”.

Desta forma, a capacidade dos bissexuais de ter relações com membros dos dois sexos é interpretada como a necessidade para ter relações com pessoas dos dois sexos. Necessidade essa que não pode ser preenchida por uma relação com alguém do mesmo sexo ou uma relação com alguém do outro sexo, condenando os bissexuais a uma vida de promiscuidade ou de monogamia em série, como um esforço para satisfazer os dois lados do desejo (Garnets & Kimmel, 2003).

O estereótipo que bissexuais têm simultaneamente relações com homens e mulheres ou que alternam as relações com homens e mulheres num esforço de satisfazer os dois lados do desejo é suportado por outro estereótipo comum, o de que a bissexualidade é uma fase ou uma forma temporária de sexualidade, adotada por pessoas que estão a passar pelo *comig out*, como lésbicas ou gays, ou a retomar a heterossexualidade. Dado que a bissexualidade é percebida como temporária ou uma transição, pessoas raramente estão dispostas a aceitar a reivindicação de bissexuais pela bissexualidade como valor nominal.

O modelo cultural das relações monogâmicas, resulta para muitas pessoas, incluindo muitos bissexuais, que acham possível ter as suas necessidades emocionais, românticas e sexuais preenchidas por outra pessoa.

Refletindo sobre os estereótipos de que os bissexuais são promíscuos e não monógamos, como também sobre a idealização da monogamia, observamos a existência de um vazio intelectual a ser preenchido com informação positiva sobre a variedade de relações monogâmicas e não monogâmicas que são possíveis (Garnets & Kimmel, 2003).

2.3. Identidade Bissexual

Barker, Richards, Jones, Bowes-Catton & Plowman (2012) definem bissexualidade no *The Bisexuality Report* como podendo incluir diversos grupos:

people who see themselves as attracted to “both men and women”, people who are mostly attracted to one gender but recognize this is not exclusive, people who experience their sexual identities as fluid and changeable over time, people who

see their attraction as “regardless of gender” (other aspects are more importante in determining who they are attracted to), and people who dispute the idea that there are only two genders and that people are attracted to one, the other, or both (Barker et al. 2012, pp.3).

Embora se preveja que a identidade bissexual funcione como uma identidade social, certos aspetos da identidade bissexual podem separá-la de outras identidades sexuais ou influenciar de maneira exclusiva a identidade bissexual que opera na estrutura da teoria da identidade social (Flanders, 2016).

Para a maioria das mulheres e homens que se identificam como bissexuais, a sua identificação como tal reflete primeiramente os seus sentimentos e atrações sexuais ou a capacidade de se apaixonarem por uma mulher ou homem ou pelos dois, independentemente de esses sentimentos serem expressos através de comportamentos sexuais e da força dos mesmos face a homens ou mulheres. Para algumas pessoas que se identificam como bissexuais o mero potencial de se sentirem atraídos por homens ou mulheres é o suficiente para reconhecer uma identidade bissexual. Para outros a identidade bissexual reflete não só o potencial de se sentir atraído pelos dois sexos, mas também a sua disposição de agir sobre essas atrações (tornando-se sexualmente ou romanticamente envolvido) ou as suas expectativas de uma vida monógama poderem ser com um homem ou uma mulher. Neste sentido, a maioria não acredita que alguém tem de se sentir igualmente atraído pelos dois sexos para se identificar como bissexual, indivíduos podem identificar-se como tal e descreverem uma maior atração face a um género ou a outro (Rust, 2000).

Mais especificamente no estudo de Bradford (2004) as conclusões revelam que para afirmar uma identidade bissexual tem de se transcender à cultura. Será necessário valorizar a própria experiência, exigindo coragem e independência, enfrentando por vezes o isolamento e o preconceito. Foi concluído ainda que o maior contributo dos participantes partiu da compreensão e da ajuda àqueles que ainda não o sentem relativamente à sua própria identidade. Assim, ter uma perspetiva positiva sobre a bissexualidade pode fazer com que consigam ajudar e inspirar indivíduos a correr o risco de se autorrealizarem.

Brown (2002) afirma que o indivíduo bissexual pode manter a identidade por muitos anos, envolver-se num relacionamento monógamo, adotar um rótulo congruente com a natureza da relação, terminar o relacionamento, e reexaminar a sua orientação sexual.

Assim, estas quatro etapas descrevem eventos que podem vir a ter lugar na vida de um indivíduo bissexual para atingir e manter uma identidade bissexual positiva.

Gary Zinik (1985) fala-nos sobre a controvérsia acerca da bissexualidade por médicos e sexólogos. Deste debate emergem duas categorias ao que o autor chamou de “modelo de conflito” e “modelo de flexibilidade”. O modelo de conflito vê a bissexualidade como uma característica inerente ao conflito, confusão, ambivalência e pela incapacidade de decidir uma preferência sexual. O modelo de flexibilidade, é para alguns, o desejo de crescimento pessoal e realização pessoal.

A noção subjacente ao modelo de conflito baseia-se na ideia de que a orientação sexual deve ser vista de forma dicotómica: um indivíduo ou é gay/lésbica ou heterossexual. De acordo com esta perspetiva, homens e mulheres são géneros “opostos”, e a atração por um género excluiria logicamente a atração pelo outro, ou então poderia existir conflito psicológico e/ou dissonância. Este modelo sugere que indivíduos que dizem ser bissexuais estão a: experienciar conflito de identidade ou confusão; a viver um estado de transição que mascara a verdadeira identidade do indivíduo e a aplicar o rótulo como um método de conscientemente negar ou inconscientemente se defender contra uma verdadeira preferência homossexual.

O modelo de flexibilidade difere em formas fundamentais. O modelo de flexibilidade propõe que a homossexualidade e a heterossexualidade não são mutuamente exclusivas, mas pode coexistir na forma de eroticismo bissexual.

Ao contrário do modelo anterior, este permite o potencial de manter uma orientação bissexual, psicologicamente congruente. O modelo aponta ainda, que a identidade bissexual, em vez de significar uma falha em adotar ou ajustar uma preferência homossexual exclusiva, é um ajustamento bem sucedido a uma dupla preferência homossexual e heterossexual.

Existe ainda o modelo de desenvolvimento da identidade bissexual de Weinberg, Williams e Prior (1994) onde os próprios pesquisadores o descrevem como sendo muito amplo e um pouco simplificado.

Este modelo resulta das entrevistas feitas em 1983 a 93 indivíduos (49 do sexo masculino e 44 do sexo feminino) onde era perguntado a cada participante 415 perguntas de resposta fechada e 126 perguntas de resposta aberta. Destas entrevistas, resultaram 4 etapas: *Confusão Inicial; Encontrar e aplicar um rótulo; Estabelecer a identidade e a Incerteza contínua.*

A primeira etapa, *Confusão inicial*, é descrita como podendo durar até 4 anos, uma confusão inicial por parte dos indivíduos em relação às atrações por membros dos dois sexos serem tão fortes, provocando ansiedade; alguns assumem que as atrações por pessoas do mesmo sexo irão acabar com as atrações pelo outro sexo; outra fonte de confusão pode acontecer “quando as opções de rótulo” incluem apenas a heterossexualidade e homossexualidade e não a bissexualidade.

A segunda etapa ocorre quando os participantes conseguiram encontrar e aplicar um rótulo ao terem relações agradáveis com pessoas dos dois sexos após estarem conscientes do rótulo “bissexual”. Outros participantes aceitaram ainda o rótulo através dos seus sentimentos tão fortes pelos dois sexos, reconhecendo que são bissexuais; por outro lado, também o encorajamento de outros foi reconhecido como um fator decisivo nesta etapa; também é comum que os participantes experienciem atrações que podem “inclinam” mais para um sexo ou para o outro, o que faz com que os participantes possam pôr em causa se são homossexuais, heterossexuais ou bissexuais.

A terceira etapa acontece quando os participantes se tornam mais confortáveis com a sua sexualidade, através do suporte social, sendo que durante essa fase é também comum que os participantes pensem se a bissexualidade foi parte de uma transição ou fase (homossexualidade para a heterossexualidade ou heterossexualidade para a homossexualidade). Alguns participantes previram que se estivessem numa relação monógama, que a transição para uma identidade monossexual iria acontecer. Ao longo do estudo e especificamente nesta fase os/as participantes não especificaram o sexo do/a parceiro/a o que leva os investigadores a concluir que a qualidade das relações era possivelmente um fator mais importante do que o sexo ou género do/a parceiro/a.

Outros participantes mencionaram ainda “o acabar de uma relação” como um fator que precipitaria a sua transição de uma identificação bissexual para uma identidade heterossexual ou homossexual. No entanto, mudanças no comportamento sexual parecem mais proeminentes do que mudanças na auto categorização. Por outras palavras, alguns participantes continuavam a auto categorizar-se como bissexuais mesmo que estivessem numa relação monógama. Para os participantes esta etapa relaciona-se mais com a aceitação dos seus sentimentos bissexuais do que com o envolvimento com membros dos dois sexos.

A última etapa fala sobre como apesar dos participantes se auto identificarem como bissexuais, ser comum para eles experienciarem períodos de confusão sobre a sua

sexualidade; também a falta de suporte social, e os poucos modelos sociais bissexuais e comunidades, poderem contribuir para uma maior incerteza.

Membros dos dois sexos afirmaram que estar numa relação monogâmica tem contribuído para a incerteza contínua sobre a sua bissexualidade. Também participantes mais inibidos sobre as suas ações face às atrações pelos dois sexos ou que têm sentimentos mais fracos por um sexo, experienciam incerteza. Ao contrário de homossexuais e heterossexuais, bissexuais descreveram o sentido de incerteza contínua sobre como a identidade bissexual se encaixava.

Tom Brown (2002) propôs um novo modelo adaptado do anterior. Neste novo modelo as primeiras três etapas de Weinberg et al., (1994) foram aplicadas neste modelo onde são articuladas diferenças de género para cada etapa. Outra adaptação foi a mudança do termo "*Incerteza contínua*" para "*Manutenção da Identidade*".

Na primeira etapa, *Confusão inicial*, tal como foi identificado na investigação com homens bissexuais e gays, é hipotetizado que homens bissexuais nesta etapa possam experienciar conflito entre o seu papel de género e os seus sentimentos sexuais. Estes podem também, experienciar as atrações pelo mesmo sexo como provocadoras de ansiedade, o que pode fazer com que estes sintam que a sua masculinidade está ameaçada e/ou podem sentir-se intimidados e receosos de rejeição por parte de heterossexuais e gays, da sociedade, membros da família e mulheres. Estas manifestações de confusão podem também estar presentes em homens que atuem sobre os seus sentimentos sexuais, mas que ainda desejam manter a sua idealização da identidade masculina.

Por sua vez, mulheres bissexuais podem experienciar privação das comunidades feminista e lésbica durante a etapa da *Confusão Inicial*. Essa privação pode levar à inibição sexual perto de possíveis parceiras do sexo feminino; falta de envolvimento com parceiras do mesmo sexo; rejeição do "*female sex role of women as passive and nurturing of others*" (Cass, 1990, p.27); ou falta de poder financeiro, político ou social para ter acesso a comunidades de suporte (Weinberg et al., 1994). Mulheres bissexuais podem também sentir-se mais à vontade com mulheres, ter uma ligação emocional mais forte com mulheres e experienciar fantasias sexuais sobre mulheres que podem não ser imediatamente associadas com a sexualidade ou com a identidade sexual (Falco, 1991). Apesar de mulheres apresentarem níveis mais elevados de tolerância para com comportamentos sexuais não normativos do que os homens, o desenvolvimento da

identidade bissexual feminina pode ser atrasado por sentimentos de inibição ao atuar sobre esses sentimentos sexuais.

No que diz respeito à segunda etapa, *Encontrar e Aplicar um Rótulo*, tal como homens gays podem não se querer rotular porque esse rótulo pode causar sentimentos de ansiedade e estigma, ameaçando a sua masculinidade (Henderson, 1984), os homens bissexuais podem experienciar um fenómeno semelhante. Ou seja, assim que homens bissexuais encontram o rótulo, podem não querer aplicá-lo a si mesmos devido a sentimentos de ansiedade, estigma ou desmasculinização. Foi ainda percebido que fatores que podem inibir ou dificultar o processo de rotulagem para lésbicas (Isay, 1989) também podem estar presentes no processo de rotulagem para mulheres bissexuais. Da mesma forma, a descoberta de Golden (1987 citado por Brown, 2002) de que o comportamento de mulheres que se autodenominam de lésbicas pode não ser consistente com esse rótulo, também pode estar presente em mulheres que se autodenominam bissexuais. Golden (1987 citado por Brown, 2002) relata que algumas mulheres se auto rotulam como lésbicas enquanto mantêm relações sexuais com homens; pode ser o caso de mulheres que se auto rotulam de bissexuais e tenham relações românticas ou sexuais apenas com membros de um sexo. Além disso, assim como Isay (1989) descobriu que algumas mulheres se rotulam como lésbicas por razões políticas e podem ou não ter relações sexuais com mulheres ou homens, pode acontecer que algumas mulheres bissexuais também se rotulem como “bissexuais” por razões políticas enquanto mantêm relações sexuais apenas com membros de um sexo. Algumas mulheres podem querer evitar a rotulagem devido a sentimentos de estigma ou medo de rejeição. Conforme relatado por de Monteflores e Schultz (1978 citado por Brown, 2002), algumas mulheres negam as suas atrações homossexuais enfatizando os sentimentos em relação ao comportamento, e concluem que não são lésbicas ressaltando a sua falta de envolvimento sexual com outras mulheres. Um ênfase semelhante pode ser observado em mulheres bissexuais que relatam atrações face aos dois sexos e mantêm um rótulo homossexual ou heterossexual.

Na terceira etapa, *Estabelecer a Identidade*, assim como homens gays que estão envolvidos em relacionamentos românticos podem enfatizar a natureza sexual dos seus relacionamentos (Sears, 1989), também homens bissexuais que estão a começar a envolver-se com outros homens podem-se comportar de maneira semelhante durante essa etapa. Para mulheres bissexuais, estabelecer uma identidade pode ocorrer no contexto de uma comunidade feminista de apoio. Assim como lésbicas e gays se

envolvem em relacionamentos românticos à medida que solidificam a sua identidade (Sears, 1989), e assim como as relações lésbicas evidenciam um crescente ênfase na natureza emocional do relacionamento (Sears, 1989), também mulheres bissexuais que estão a estabelecer uma identidade experienciam um fenómeno semelhante quando se envolvem romanticamente com outras mulheres.

A quarta etapa, referido por Weinberg et al. (1994) como *Incerteza contínua*, é renomeado neste modelo como etapa da *Manutenção da Identidade*, podendo de uma melhor forma descrever o comportamento desta etapa final. Weinberg et al (1994) sugeriu que o envolvimento numa relação monógama era um fenómeno associado com os sentimentos dos participantes sobre a incerteza contínua sobre a sua bissexualidade. No survey de 1983-1984 cerca de 25% das mulheres e dos homens sentiam-se confusos sobre a sua sexualidade. Razões para essa confusão foram associadas a invalidação social, a falta de modelos e suporte social e a falta de atividade sexual com membros dos dois sexos. No survey de follow-up em 1988, outras razões que os participantes nomearam para questionar a autoidentificação eram associados a vacilações nas suas atrações face a homens e mulheres e a pressão social para mudar a sua autoidentificação.

Mulheres e homens podem experienciar esta etapa final do desenvolvimento da identidade bissexual de forma diferente. Para mulheres bissexuais, ter relacionamentos em série com membros de ambos os sexos pode ajudar a manter um rótulo bissexual. Essa hipótese é baseada no relato de Gramick (1984 citado por Brown, 2002) de que o contato social e as relações sexuais e românticas com outras mulheres parecem importantes no desenvolvimento de uma identidade lésbica. Como relatado por Weinberg et al., (1994), mulheres bissexuais podem experienciar a comunidade lésbica como pejorativa, o que pode levar a que as oportunidades de apoio social e exploração sexual ou romântica possam ser limitadas. Subsequentemente, mulheres bissexuais podem ter dificuldade em manter o conforto e a aceitação com a sua autoidentificação como “bissexual”.

Com base nos resultados de Weinberg (1978), que homens gays geralmente se envolvem sexualmente com outros homens antes de se auto identificarem como “gays”, é postulado que homens bissexuais possam agir sobre as suas atrações face a membros de ambos os sexos antes de se rotularem como bissexuais. Uma alternativa baseada em Fassinger e Miller (1996) parte do princípio que relacionamentos românticos ou sexuais e afiliações podem ser secundários ao desenvolvimento da

identidade sexual masculina gay. Se assim for, pode-se esperar que nem todos os homens atuem sobre as suas atrações face a membros de ambos os sexos antes de se auto categorizarem como “bissexuais”. Subsequentemente à adoção da autoidentificação “bissexual”, é provável que a afiliação tenha impacto na identidade, independentemente se os relacionamentos parecem primários ou secundários a um género específico. Essa hipótese é baseada no relatório de Weinberg et al. (1994) de que relacionamentos em série estão associados a uma autoidentificação bissexual duradoura.

Quando um indivíduo alcança a etapa da Manutenção da Identidade é assumido que ele/a se envolva num estágio orientado para o processo em vez de um estágio orientado para objetivos. O indivíduo compromete-se em determinados comportamentos que lhe permitem manter a categoria de bissexual. Ou seja, não é objetivo que as tarefas existam para ser concluídas, em vez disso, assume-se que o indivíduo se envolva em certos comportamentos que lhe permitirão manter o rótulo "bissexual". Assim, o indivíduo poderia teoricamente permanecer nesta última etapa indefinidamente.

É possível que nem todos os que chegam ao estágio da manutenção da identidade permaneçam lá. Vários fatores podem contribuir para uma incerteza contínua sobre a sua própria identidade bissexual. Homens e mulheres podem ter experiências diferentes ao longo do processo do desenvolvimento da identidade sexual, e as suas expectativas podem ocorrer em diversos contextos. Muitas experiências podem não ser associadas com etapas específicas, mas podem ter impacto no processo do desenvolvimento em várias ou todas as etapas.

Dada a conclusão de Weinberg et al. (1994) de que as mulheres bissexuais são mais prováveis de demonstrarem mais mudanças nos seus sentimentos em relação a qualquer dos sexos ao longo do tempo do que os homens bissexuais; mulheres bissexuais podem ser mais propensas do que homens bissexuais a relatar sentimentos diferentes em relação a membros de ambos os sexos à medida que se movem em cada etapa. As mulheres bissexuais podem, portanto, ser mais propensas do que os homens bissexuais a relatar maiores mudanças nos seus sentimentos em relação a qualquer sexo durante a etapa de *Manutenção de Identidade*. Também é possível que mulheres sejam mais reflexivas do que homens antes de atuarem sobre os seus sentimentos sexuais.

Como mencionado anteriormente, o modelo de Brown (2002) é uma expansão do modelo original de Weinberg et al. (1994), e é de natureza teórica. Sendo referido pelo autor que as hipóteses precisam ser testadas num grupo de indivíduos bissexuais de

uma variedade de origens étnicas e geográficas, tendo de ser validado empiricamente. Alguns fenómenos importantes que os indivíduos experienciam no desenvolvimento da sua identidade bissexual podem não ser identificados. Por fim, algumas diferenças de género podem não emergir nas etapas, ou podem manifestar-se como um processo que caracteriza toda a experiência de desenvolvimento de identidade.

As etapas do modelo proposto são assumidos de uma forma linear. Por exemplo, o indivíduo pode ter conhecimento sobre a categoria “bissexual” (mesmo que não se aplique), mas experienciar alguma confusão inicial em perceber se a categoria se aplica. Nesses casos, a confusão inicial dizia respeito à aplicação da categoria, em vez de encontrar essa categoria. O modelo proposto também conceptualiza estas etapas como características que facilitam o desenvolvimento e a manutenção de um desenvolvimento de identidade positivo.

Tal como o modelo alega, é importante existirem diferenças de género. Sabemos que o facto de um homem manter relações sexuais com homens e mulheres é um comportamento que pode ser valorizado de forma diferente tendo em conta cada cultura e o período histórico no qual se encontra, e até mesmo em diferentes grupos culturais dentro da mesma cultura.

Seffner (2016, pp. 241-242) refere que é importante perceber as representações que levam à construção de posições do sujeito no campo da masculinidade bissexual. Uma das representações da masculinidade bissexual é esta enquanto “incompleta, indefinida, uma masculinidade degradada, própria de homens indecisos, que não têm força para assumir nem a heterossexualidade nem a homossexualidade, por vezes vivida como fase transitória”. Outra representação é a masculinidade bissexual como uma modalidade da sexualidade do futuro, “mais avançada do que àquelas opções sexuais atualmente existentes, para além da polaridade heterossexual *versus* homossexualidade, ainda incompreendida, mas com certeza sinalizando novas possibilidades no exercício da sexualidade, em particular dos homens”. A masculinidade bissexual pode ainda ser representada como uma masculinidade “intensificada, transgressiva, poderosa, plena de “sacanagem”, quase fora de controle na busca do sexo, típica de homens “machos” “liberais”, associada à noção de promiscuidade, chegando por vezes próxima das ideias de orgias e sexo global”. Por fim, a masculinidade bissexual pode ainda ser representada como “uma modalidade de “verdadeira” amizade masculina, envolvendo proximidade física entre iguais, nomeadamente por vezes fraternidade masculina, e assumindo que pode haver uma troca erótica e de afeto entre

homens que mantêm uma amizade profunda, acompanhada muitas vezes de admiração e valorização da beleza do corpo masculino”.

Como outros investigadores descreveram, o desenvolvimento de uma identidade não heterossexual como um processo fluido e complexo influenciado por outras identidades psicossociais, torna-se aparente que os estádios dos modelos não são adequados para descrever todos os processos de identidade não heterossexual. Também as experiências bissexuais e transgénero, com o seu ênfase na existência de identidades fora das construções binárias tradicionais de género e sexualidade, representam desafios únicos para modelos de estádios (Bilodeau & Renn, 2005).

Apesar das conceções teóricas e empíricas sobre a identidade Lésbica e Gay (LG) poderem elucidar nas experiências relacionadas com a identidade de indivíduos bissexuais, este trabalho, até à data, tem ignorado ou falhado na captação das facetas únicas da identidade bissexual (Paul, Smith, Mohr & Ross, 2014).

2.4. Preconceitos e Invisibilidade

Identidades monossexuais são normalmente vistas como grupos bem definidos, enquanto que a existência da bissexualidade como uma identidade legítima e estável ainda é questionada por aqueles que endossam crenças monossexistas e bifóbicas. Indivíduos bissexuais reportam enfrentar monossexismo em grupos heterossexuais e homossexuais, o que pode levar a que se sintam excluídos pelas duas comunidades (Friedman et al., 2014).

Apesar de muitas vezes a bissexualidade aparecer com um ponto médio em modelos de investigação, é tipicamente vista como uma fase. Indivíduos bissexuais são frequentemente vistos como estando a experimentar e é esperado que eventualmente reivindiquem um dos dois pontos dicotómicos de modelos de investigação (Meyer, 2005).

No estudo de Brewster e Moradi (2010) foi concluído que indivíduos bissexuais percecionam experiências de preconceito anti-bissexual por parte de lésbicas e gays bem como de heterossexuais. Essas experiências são refletidas em três dimensões de tratamento preconceituoso: instabilidade das orientações sexuais, irresponsabilidade sexual e hostilidade interpessoal. A primeira dimensão, experiências instáveis de orientação sexual, diz respeito a encarar a bissexualidade como se fosse uma

curiosidade e não uma orientação sexual legítima. Esta dimensão, sugere que indivíduos bissexuais podem experienciar desconfiança e ceticismo (por parte de indivíduos heterossexuais e de lésbicas e gays) sobre a legitimidade da sua orientação sexual

A segunda dimensão, experiências sexuais irresponsáveis, inclui ser tratado como obcecado com o sexo e desleal. Por último, a dimensão experiências hostis interpessoais, demonstra ser socialmente desprezado e alienado por outros.

Assim, importa referir que homens e mulheres bissexuais podem experienciar negatividade e estigmatização por indivíduos homossexuais bem como por heterossexuais (APA, 2012).

Os julgamentos feitos pela comunidade LG focam-se essencialmente na validade da bissexualidade como orientação sexual (Alaire & Gaudet, 2013; Diamond, 2008; Israel & Mohr, 2004 citado por Roberts et al. 2015), acreditando que indivíduos bissexuais estão em transição para uma identidade lésbica/gay e que se encontram em negação por falta de coragem para se assumir ou que estão confusos e indecisos. Outra crença prende-se com a ideia de que indivíduos se assumem como bissexuais para não perderem os “privilégios heterossexuais”, acreditando que estes os têm quando estão com um/a parceiro/a do outro sexo ao seu e que um indivíduo bissexual irá deixar o seu/a parceiro/a do mesmo sexo por esses mesmo privilégios (Israel & Mohr, 2004 citado por Roberts et al. 2015). Esta ideia parte do princípio que uma relação heterossexual seria socialmente aceite e como consequência os indivíduos serão menos sujeitos ao estigma associado a relações homossexuais.

Para muitas lésbicas e gays, uma fase transitória do desejo pelo outro sexo é uma parte normal do desenvolvimento da identidade sexual. No entanto, o entendimento pessoal e público, junto de teorias de identidade sexual dicotómicas, invariavelmente resulta na impossibilidade de reconhecer e valorizar identidades bissexuais ao lado de identidades lésbicas e gays (Barker & Langfridge, 2008).

Na comunidade heterossexual existem diversas crenças relativamente à bissexualidade, nomeadamente quando referem acreditar que indivíduos que se assumem como bissexuais são na realidade lésbicas/gays que têm receio de o admitir, no sentido em que acreditam que os bissexuais são mais aceites na sociedade comparativamente com a aceitação percebida em relação a lésbicas/gays (Diamond, 2008; Israel & Mohr, 2004; Klesse, 2011 citado por Roberts et al. 2015).

É também notável a crença de que a presença de desejo (por menor que seja) por uma pessoa do mesmo sexo pode “contaminar” a “pureza” da identidade heterossexual, sendo percebido como uma deslealdade para com os membros do outro sexo, devido à atração bissexual (Diamond, 2008; Klesse, 2011; Ochs, 2007 citado por Roberts et al. 2015). A crença dessa deslealdade pode levar à ideia que os bissexuais são promíscuos e portadores de doenças sexualmente transmissíveis (Bostwick & Hequembourg, 2013; Herek, 2002; Knous, 2006 citado por Roberts et al. 2015).

Herek (2002) conclui que homens e mulheres heterossexuais veem mais desfavoravelmente indivíduos bissexuais do que outros grupos (como por exemplo indivíduos LG e indivíduos portadores de HIV).

Bradford (2004) refere que homens bissexuais reconhecem ter de se confrontar mais com problemas relacionados com os papéis de género, violência e HIV enquanto que mulheres que se identificam como bissexuais tem tendência para reconhecer mais problemas relacionados com a aceitação na comunidade lésbica.

Atitudes face à bissexualidade masculina são significativamente mais negativas do que atitudes face à homossexualidade masculina em particular, bem como face a todas as outras orientações sexuais. Tendo em conta as normas culturais e a masculinidade, não é surpreendente que atitudes face a gays e homens bissexuais se apresentem como mais negativas. As atitudes negativas significativas face a homens bissexuais podem ser afetadas em parte pela percepção andrógena dos indivíduos bissexuais (Helms & Waters, 2016).

Diversas investigações têm constantemente demonstrado que indivíduos bissexuais têm um maior risco para resultados de saúde negativos (saúde mental, uso de substâncias e problemas de saúde sexuais) comparando com indivíduos monossexuais (heterossexuais e homossexuais). Tendo em conta o grande número de pessoas que diz ser bissexual, disparidades de saúde bissexual são uma preocupação da saúde pública (Feinstein & Dyar, 2017). Cada vez mais, se torna uma preocupação no sentido em que percentagens de pessoas que se identificam como bissexuais estão a aumentar.

Baseado em dados de cinco *surveys* de *United States* (US) Gates, (2011) estima que 1.8% da população de US se identifica como bissexual (2.2% de mulheres e 1.4% de homens). No entanto, a população de bissexuais de US pode ser ainda maior, um *survey* nacional percebeu que 3.1% da população se identifica como bissexual (3.6% de mulheres e 2.6% de homens), sendo a taxa ainda maior para adolescentes (4.9% dos

adolescentes identifica-se como bissexuais, incluindo 8.4% de raparigas e 1.5% de rapazes) (Herbenick et al. 2010). Já um estudo em 2015 também relativo aos *United States* afirma que um em três *millennials* se identifica como bissexual (Dingle, 2015).

Uma análise trajetória de estudos sobre a sexualidade pelo período de tempo de 1970 – 2015 mostra que ao longo de décadas é comum que a bissexualidade não seja visível. Mais de ¼ da análise de textos inclui lésbicas e gays e/ou homossexuais nos seus índices, no entanto a bissexualidade não é nomeada nem nos índices nem no corpo dos textos (Monro et al. 2017).

A bissexualidade continua a ser vista com desprezo, como uma identidade sexual não “legítima”, por estudiosos de pesquisas LGBT e estudos sobre a sexualidade mais amplos, bem como por organizações políticas/sociais LGBT. Isto tem sido refletido nas escolas através de atividades curriculares e extracurriculares (Elia, 2010).

Ainda que a ciência não ignore o facto de biografias sexuais de muitos incluírem experiências sexuais para com os dois sexos, esta ignora os significados teóricos dados a essas experiências. Existe uma tendência para negar a legitimidade das respostas eróticas de cada um face a homens ou mulheres, sendo que desse modo, acaba por se assumir que todas as pessoas ou são heterossexuais ou homossexuais. A recusa de permitir uma bissexualidade equivalente em algumas partes da população leva a uma variedade de explicações dos padrões bissexuais (Paul, 1985).

Indivíduos bissexuais são vistos como heterossexuais quando são verbalmente ou visualmente associados com parceiros/as sexuais e/ou românticos do outro sexo e lésbicas/gays quando verbalmente associados com parceiros/as do mesmo sexo (Brandford, 2004; Hartman, 2013). Indivíduos bissexuais que escolhem estar em relações monógamas são conseqüentemente definidos tendo por base a sua escolha de parceiro/a, criando ainda mais invisibilidade para este grupo (Hartman-Linck, 2014) e podendo ainda criar sentimentos de stress, dúvida e isolamento junto de indivíduos bissexuais (Morgan & Davis-Delano, 2016).

Existe uma tendência para categorizar relações entre dois homens como “gays”, entre duas mulheres como “lésbicas” e entre um homem e uma mulher “heterossexual”. Conseqüentemente, investigações mostram que alguns bissexuais sentem que perdem a sua identidade sexual ao estarem numa relação. A perceção cultural da impossibilidade de uma relação bissexual pode ser vista como um fardo para indivíduos

bissexuais, além de terem de lidar com os/as seus/suas parceiros/as que também eles/as podem ter estereótipos sobre a bissexualidade (Anderson & McCormack, 2016).

Na investigação de Hartman-Link (2014) este refere que as participantes consideravam importante serem vistas como mulheres bissexuais, não em termos de serem reconhecidas pelos seus/suas potenciais parceiros/as, mas sim em serem reconhecidas por quem são, uma vez que assim a bissexualidade não é apagada devido aos compromissos que um faz a outra pessoa.

Na investigação de Feinstein, Dyar, Bhatia, Latack e Davila (2015) foi notório que a percepção de que a bissexualidade é uma orientação estável prevê uma maior disposição para namorar um/a parceiro/a bissexual por homens e mulheres homossexuais e mulheres heterossexuais, mas não por homens heterossexuais. O que sugere uma correlação mais robusta do que a tolerância bissexual. Assim sendo, quando os indivíduos consideraram se estariam ou não dispostos a namorar com alguém que se identifique como bissexual, a primeira preocupação pode ser se a atração do indivíduo pelo seu sexo irá persistir ao longo do tempo ou não. Se as pessoas perceberem que a bissexualidade não é uma transição de orientação sexual e que a atração por mais de um género pode ser estável, podem ter menos preocupações em namorar um indivíduo bissexual.

Um estudo sobre como a saúde mental e o stress afetam o desempenho académico de estudantes universitários de minorias sexuais realizado por Oswalt e Wyatt (2011) concluíram que estudantes LGB relataram experienciar mais ansiedade, depressão e discriminação tendo consequências no seu desempenho académico do que estudantes heterossexuais. Tendo em conta estudos como o anterior que revelam que estudantes de minorias sexuais experienciam mais ameaças relacionadas à saúde, não é surpreendente que alunos universitários bissexuais experienciem mais impedimentos no seu desempenho académico do que estudantes heterossexuais.

No entanto, o mais interessante é que estudantes bissexuais são bastante diferentes de estudantes lésbicas e gays. Importa ter em conta este facto, uma vez que investigadores e profissionais de saúde da universidade combinam todas as minorias sexuais em apenas um grupo LGBT, ocasionalmente adicionando estudantes transgéneros que podem ou não identificar-se como gays, lésbicas ou bissexuais (Klein & Dudley, 2014).

Ao examinar os grupos de perto, torna-se claro que estudantes universitários bissexuais, particularmente mulheres bissexuais, têm mais desafios em otimizar o seu desempenho na universidade e podem precisar de especial consideração (Klein & Dudley, 2014).

A temática da bissexualidade é muitas vezes marcada por preconceitos e opiniões negativas que podem contribuir para a marginalização das pessoas que se identificam como bissexuais. Tal como referido anteriormente, estudos revelam que indivíduos bissexuais percecionam experiências de preconceito anti-bissexual por parte de indivíduos heterossexuais e homossexuais o que pode levar a que haja uma dupla discriminação da bissexualidade. Muitas vezes indivíduos que se indentifiquem como bissexuais são vistos/as como indecisos/as, promíscuos/as, portadores/as de doenças entre outros. Estas questões tornam-se cada vez mais importantes tendo em conta que as percentagens de pessoas que se identificam como bissexuais estão a aumentar.

Neste sentido, definiu-se como objetivo da investigação conhecer atitudes de indivíduos heterossexuais, homossexuais e bissexuais face à bissexualidade feminina e masculina e eventuais diferenças. É também objetivo desta investigação conhecer as propriedades psicométricas do Questionário utilizado.

Parte II – Estudo Empírico

1. Considerações Prévias

Inicialmente, o estudo tinha dois grandes objetivos, sendo o primeiro compreender a temática da bissexualidade e o segundo conhecer atitudes face à bissexualidade feminina e masculina. Neste sentido, era intenção desenvolver dois estudos ao longo da dissertação. O primeiro, exclusivamente com indivíduos bissexuais, dirigido à compreensão da construção da identidade bissexual relativamente à estabilidade e como a opinião dos/as outros/as poderá ter influência sobre o processo. E o segundo estudo pretendia conhecer atitudes de indivíduos heterossexuais, homossexuais e bissexuais face à bissexualidade feminina e masculina, bem como eventuais diferenças. Desta forma, foram tidas em conta variáveis que poderiam influenciar essa mesma opinião: variáveis sociodemográficas e pessoais (idade, orientação sexual, religiosidade, posição política e conhecimento/nível de proximidade face a pessoas bissexuais).

O primeiro estudo tinha previsto a participação de 6 indivíduos bissexuais, utilizando entrevistas não estruturadas através do método interpretativo narrativo biográfico (Biographic – Narrative Interpretive method (BNIM)) (Wengraf, 2004). A BNIM é uma entrevista em que é principalmente o/a participante que controla a condução da mesma, no entanto é sempre necessária uma planificação, elaborando um guia de suporte à entrevista. Este procedimento de recolha de dados seria o mais adequado para o estudo pois iria permitir aceder a narrativas que poderiam manifestar questões individuais e culturais dos sujeitos.

No entanto, não foi possível realizar as entrevistas a pessoas bissexuais. Com efeito, não apenas houve dificuldade em contactar indivíduos que se identificassem como bissexuais, mas também as pessoas contactadas se recusaram a ser entrevistadas. Nem todas as pessoas que se identificam como bissexuais querem revelar a sua identidade sexual em todas as situações ou na maior parte do dia-a-dia. É percebido que passar por heterossexual, gay ou lésbica (nomeando a maior parte das identidades sexuais mais conhecidas) é uma estratégia de gestão da identidade sexual bastante contestada para indivíduos que se identificam como bissexuais ameaçando a própria visibilidade da bissexualidade (Malierpoor, 2017). Assim, foi inviável a realização do estudo 1, sendo apresentado nesta dissertação o estudo 2 que pretendia conhecer atitudes de indivíduos

heterossexuais, homossexuais e bissexuais face à bissexualidade feminina e masculina e eventuais diferenças.

2. Objetivos e Questões de Investigação

O estudo tem como objetivo central conhecer atitudes de indivíduos heterossexuais, homossexuais e bissexuais face à bissexualidade feminina e masculina e eventuais diferenças entre a bissexualidade feminina e masculina. É também objetivo desta investigação conhecer as propriedades psicométricas do Questionário utilizado.

Foram estudadas variáveis que poderão influenciar essas mesmas opiniões: variáveis sociodemográficas e pessoais (idade, orientação sexual, religiosidade, posição política, e conhecimento/nível de proximidade face a pessoas bissexuais.

Foram delineadas as seguintes questões de investigação:

1. Existem diferenças de opiniões face à bissexualidade feminina e masculina?
2. Existem diferenças de opinião face à bissexualidade feminina e/ou masculina em função do sexo?
3. Existem diferenças de opinião face à bissexualidade feminina e masculina em função:
 - 3.1. Da Orientação Sexual?
 - 3.2. Da Idade?
 - 3.3. Da Posição Política?
 - 3.4. Da Posição Religiosa?
4. O conhecimento de alguém bissexual e o nível de proximidade pode influenciar as atitudes face à bissexualidade feminina e masculina?

3. Instrumentos

3.1. Questionário Sociodemográfico

O questionário de caracterização sociodemográfico foi utilizado com o propósito de recolher informações relevantes para a caracterização da amostra.

As variáveis independentes tidas em conta neste questionário foram: a idade, o sexo, a orientação sexual, a instituição de ensino superior, o curso frequentado e ciclo de estudos.

Foram ainda feitas questões correspondentes ao posicionamento religioso e ao posicionamento político. Estas duas variáveis foram avaliadas numa escala de 1 a 12, sendo 1 corresponde a “Nada Religioso” ou “Extrema Esquerda” e 12 corresponde a “Muito Religioso” ou “Extrema Direita”.

Foi ainda perguntado aos participantes se conheciam alguém bissexual, qual o sexo dessa/dessas pessoa/as e ainda o grau de proximidade com essa/as pessoa/as numa escala de 1 a 6 em que 1 corresponde a “Pouco Próximo/a” e 6 “Muito Próximo/a”.

3.2. Questionário de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina e Masculina

Tendo em conta que não existe nenhuma Escala/Questionário de atitudes face à bissexualidade adaptado à população portuguesa que pudesse ser utilizada para responder às questões de investigação foi necessário a criação/adaptação de um questionário para o efeito.

Desta forma procedeu-se à adaptação da Attitudes Regarding Bissexuality Scale (Mohr & Rochlen, 1999) que contempla três subescalas: atitudes face à bissexualidade feminina e masculina, atitudes face à bissexualidade feminina e atitudes face à bissexualidade masculina podendo ser usadas em conjunto ou separadamente.

A *Attitudes Regarding Bissexuality Scale Male/Female Form* é composta por 18 itens (sendo uns direcionados para a bissexualidade masculina e outros para a bissexualidade feminina) (e.g. *Most men who claim to be bisexual are in denial about their true sexual orientation; Most women who call themselves bisexual are temporarily experimenting with their sexuality* ou *Lesbian are less confused about their sexuality than bisexual women*). A partir da escala geral os autores criaram 2 subescalas: uma feminina e outra masculina compostas por 12 itens retirados da escala geral.

A *Attitudes Regarding Bissexuality Scale* foi desenhada para avaliar duas dimensões de atitudes face a homens e mulheres bissexuais: *tolerância*, relacionado com o grau em que a bissexualidade é vista como uma orientação sexual aceitável e moralmente tolerável. A investigação demonstrou que esta dimensão está altamente correlacionada

com os padrões gerais de atitudes face a lésbicas e gays. E a segunda dimensão: *estabilidade*, que se relaciona com o grau em que a bissexualidade é vista como uma orientação sexual estável e legítima (Mohr & Rochlen, 1999).

Foram conduzidos 5 estudos no desenvolvimento e validação da *Attitudes Regarding Bisexual Scale* (ARBS). O primeiro estudo contou com 151 participantes (110 lésbicas e 141 gays) com o objetivo de estudar o desenvolvimento da escala e uma estimativa inicial de confiabilidade. Foi percebido após a rotação que o primeiro e segundo factores representam 39% e 17% da variância respetivamente. O segundo estudo contou com 288 estudantes e diz respeito à fidelidade da estrutura fatorial. O terceiro e quarto estudos tinham como objetivo conhecer a validade convergente e discriminante. Assim, o segundo estudo contava com a participação de 305 indivíduos heterossexuais e o quarto com 315 (127 lésbicas e 188 gays) indivíduos homossexuais. Por fim, o quinto estudo dizia respeito ao teste-reteste e contou com a participação de 26 indivíduos.

Após a validação do conteúdo da ARBS foi estabelecido por três estudantes de doutoramento e uma assistente social, que várias análises resultaram em estimativas da consistência interna (medida através do alpha de Cronbach) variando entre 0.83 a 0.93 para as subescalas de Estabilidade e Tolerância em todas as formas da ARBS (Mohr & Rchlen, 1999). As estimativas teste-reteste variam entre 0.69 e 0.92 para as subescalas de Estabilidade e Tolerância em todas as formas. Na análise da validade, as subescalas de Estabilidade e Tolerância em cada forma correlacionam-se com outros itens que relatam atitudes positivas em relação a lésbicas e homossexuais (coeficientes de 0.46 e 0.87). As escalas também apresentam correlações negativas fracas com a necessidade de estrutura simples (coeficientes de -22 a -19), mas mostram não mais do que uma correlação insignificante com uma medida de desejabilidade social numa amostra heterossexual.

Foi solicitada a autorização para o uso/adaptação da *Attitudes Regarding Bisexuality Scale*. O autor da escala concedeu permissão para tal, de acordo com o estabelecido no seu website (Anexo 1).

Foi realizada a tradução dos itens para português e feita a sua retroversão, sendo utilizados 13 itens, 7 correspondentes ao fator estabilidade e 6 ao fator tolerância. Foram ainda tidos em conta outros questionários de atitudes anti-bissexuais dando origem a itens como: “As mulheres bissexuais são obcecadas com o sexo / Os homens bissexuais são obcecados com o sexo”, “As mulheres bissexuais não são capazes de manter relações estáveis / Os homens bissexuais não são capazes de manter relações

estáveis” e “As mulheres bissexuais têm uma vida promíscua / Os homens bissexuais têm uma vida promíscua”. Assim, foram retirados e acrescentados alguns itens tendo em conta a revisão da literatura e a adequação à cultura portuguesa optando pela criação de duas escalas de atitudes face à bissexualidade: uma feminina e outra masculina. A decisão do uso de duas escalas provém de investigações anteriores que mostram que existem diferenças de opiniões face à bissexualidade feminina e masculina. Na investigação de Yost e Thomas (2012) os resultados confirmam a importância de considerar o género (tanto do alvo como dos avaliadores) ao avaliar o preconceito sexual. Alguns estudos têm avaliado a binegatividade em função do género, mas a maioria faz a avaliação através de um único item, o que não é psicometricamente desejável (Yost & Thomas, 2012). Eliason (1997) faz referência nos resultados da investigação a atitudes mais positivas face a mulheres bissexuais do que a homens por parte de estudantes heterossexuais. Também Herek (2002) percebeu ao longo da sua investigação que participantes se sentiam de forma mais positiva face a mulheres bissexuais do que a homens bissexuais. Tendo em conta as investigações mencionadas, pareceu apropriado a construção de duas escalas com itens idênticos, mas sendo especificamente direcionadas à bissexualidade feminina e masculina.

Posteriormente foram realizadas entrevistas preliminares a 6 participantes (1 rapaz heterossexual, 2 raparigas heterossexuais, 1 rapariga lésbica e 2 rapazes gays) para uma recolha mais aprofundada relativamente à opinião dos/as participantes sobre a bissexualidade e de forma a testar a validade e compreensão das temáticas presentes no questionário feito até à data.

Para a realização destas entrevistas foram entregues declarações de consentimento informado (Anexo 2) para que os/as participantes pudessem permitir a gravação de áudio das entrevistas. Foi ainda, garantida confidencialidade e o anonimato dos mesmos. Na realização das entrevistas foi preenchido um questionário sociodemográfico e a entrevista em si que foram constituídas por 6 questões principais sobre a bissexualidade, tendo sido ainda disponibilizado aos participantes o questionário que era pretendido usar.

As questões colocadas na entrevista tinham como objetivos perceber o que o/a participante conhece ou desconhece sobre a temática da bissexualidade; compreender como percebe a bissexualidade (crenças e opiniões); perceber se vê a bissexualidade como uma orientação estável e por fim perceber a opinião do/a participante em ser ou estar com alguém bissexual. Tendo por base as entrevistas

preliminares foi feita uma nova revisão do questionário onde foram acrescentados e retirados itens.

Após estes procedimentos foi construída a versão final do Questionário de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina e Masculina. O questionário conta com duas escalas com itens iguais sendo uma referente à bissexualidade feminina e outra à bissexualidade masculina. Cada escala conta com 24 itens sobre opiniões face à bissexualidade onde é pedido a cada participante que responda de acordo com a sua opinião, tendo em conta que não existem respostas certas ou erradas. Em cada afirmação é pedido que assinale o grau de concordância de 1 a 5, sendo que 1 corresponde a “Discordo completamente” e 5 a “Concordo completamente”.

A versão final do Questionário de Atitudes face à Bissexualidade Feminina e Masculina é apresentado no Anexo 3. O mesmo foi aplicado em formato de papel e contém no seu cabeçalho uma descrição do âmbito do estudo e dos seus objetivos, bem como a garantia do anonimato e da confidencialidade, seguido do questionário sociodemográfico e das duas escalas de atitudes.

4. Procedimentos

4.1. Procedimentos de Recolha de dados

Após a adaptação do questionário foram efetuados os necessários pedidos de autorização às entidades da Universidade de Évora. Após as autorizações obterem uma resposta positiva, procedeu-se à passagem dos questionários nas turmas dos vários colégios da Universidade de Évora, a cursos das diversas áreas de formação: Artes, Ciências e Tecnologia e Ciências Sociais.

A aplicação do questionário decorreu entre o mês de Janeiro e Junho de 2017 de forma presencial com questionários em formato de papel.

A duração do preenchimento do questionário foi de aproximadamente 15 minutos tendo todos/as os/as participantes sido informados do âmbito da investigação, da confidencialidade dos dados recolhidos, bem como do direito ao não preenchimento do questionário.

Após preenchimento, os questionários foram colocados pelos próprios estudantes num envelope, como garantia adicional de confidencialidade e anonimato.

4.2. Procedimento de Análise de dados

Após a recolha de dados, os mesmos foram inseridos no IBM SPSS tendo em conta a natureza métrica das variáveis tendo sido realizados os procedimentos de limpeza da base de dados de forma a verificar valores omissos e possíveis erros de introdução de dados. Dos 410 questionários recolhidos, foram retirados 6 por respostas omissas ou respostas duplas, 19 pela idade dos participantes e 1 por pertencer à área de estudos de enfermagem.

Os dados do Questionário de Atitudes face à Bissexualidade Feminina e Masculina (QAFBFM) foram categorizados em variáveis (e.g. Idade, Sexo, Orientação Sexual, Curso, Ciclo de estudos, Posição Religiosa, Posição Política, Conhecimento de Alguém Bissexual, Sexo dessas Pessoas e Proximidade). Para a realização de análises estatísticas algumas das variáveis foram transformadas em categorias, tendo por base dados intervalares, fazendo com que as comparações fossem mais claras, como é o caso da idade, da área de estudos (e.g. Ciências Sociais, Ciências e Tecnologia e Artes), a Posição Religiosa tendo em conta três categorias: Muito Religioso, Moderadamente Religioso e Pouco Religioso e a Posição Política em: esquerda, centro e direita. As variáveis foram utilizadas para a realização das análises descritivas, para a caracterização da amostra e ainda nas análises inferenciais.

Posteriormente realizou-se a análise psicométrica do instrumento em termos da sua validade e fiabilidade de construto de modo a responder à primeira questão de investigação (Pasquali, 2011). De forma a examinar a validade estrutural concretizaram-se análises fatoriais exploratórias, com extração dos fatores pelo método dos Componentes Principais, com rotação ortogonal (varimax) para a extração de fatores, utilizando o critério de valor próprio superior a 1 e o scree plot, bem como a percentagem de variância retida, uma vez que, segundo Maroco (2011) a utilização de um único critério pode levar à retenção de mais/menos fatores do que aqueles relevantes para descrever a estrutura latente.

A análise fatorial permite explicar as relações existentes entre as variáveis estudadas (Marôco, 2011) e assim perceber quais os fatores em avaliação e quais os itens a estes associados. Considerou-se como critérios de exclusão de itens pesos fatoriais <0.40 e *crossloading* inferior a .15 (Worthington & Whittaker, 2006).

De forma a avaliar a adequabilidade da Análise Fatorial foi utilizado o teste de esfericidade de Bartlett e do teste de Kaise-Meyer-Olkin (KMO), com os critérios de classificação definidos por Maroco (2011), ou seja, para valores entre 0.8 e 0.9 no KMO é considerada uma boa análise fatorial.

Procedeu-se ainda à verificação da consistência interna das subescalas com base no coeficiente Alpha de Cronbach, sendo esta a forma mais utilizada (Pallant, 2005). Sendo que a consistência interna se refere ao grau de coerência entre as respostas a cada um dos itens da escala e pode ser considerado uma estimativa de fiabilidade de um instrumento.

Para uma análise das relações entre as variáveis foram determinadas as correlações entre subescalas através do coeficiente de correlação de Person, r , de forma a verificar se as variáveis intervalares estão associadas assim como a direção (positiva ou negativa) dessa associação. O coeficiente de correlação corresponde a um ponto numa escala entre -1 e 1 e, quanto mais aproximado de um destes limites for o valor em causa, mais forte é a relação entre duas variáveis (Howell, 2010). O significado prático dos resultados foi interpretado de acordo com as convenções definidas por Pestana e Gageiro (2008) designadamente: r inferior a .20 (ou -.20) é considerado muito baixo, revelando uma associação muito fraca; um r entre .20 e .39 (ou entre -.20 e -.39) é considerado baixo, revelando uma associação fraca; um r entre .40 e .69 (ou entre -.40 e -.69) é considerado médio e revela uma associação moderada; um r entre .70 e .89 (ou entre -.70 e -.89) é considerado alto e revela uma associação forte; e um r entre .90 e 1.00 (ou entre -.90 e -1.00) é considerado muito alto, revelando uma associação muito forte.

Por último, realizaram-se as análises inferenciais de modo a responder às questões de investigação, nomeadamente verificar se existem diferenças face aos fatores: discriminação, instabilidade e fase de experimentação da bissexualidade feminina e masculina em função do sexo, orientação sexual e conhecimento de alguém de bissexual. Neste sentido, utilizou-se o teste *t-Student*, para analisar diferenças de médias entre amostras independentes (Maroco, 2011). Por outro lado, e ainda de forma a responder às questões de investigação, verificando as possíveis diferenças face aos fatores discriminação, instabilidade e fase de experimentação face, à idade, posição política, posição religiosa e ainda proximidade de alguém bissexual recorreu-se ao teste ANOVA *oneway* de acordo com as variáveis utilizadas. Estes testes permitem analisar as diferenças de médias entre amostras independentes e verificar se tais diferenças são

significativas. Com o objetivo de obter uma análise mais detalhada das diferenças entre médias com mais de 2 grupos, recorreu-se ao teste HSD de Tukey (Maroco, 2011), considerando-se estatisticamente significativas as diferenças entre médias em que o p-value seja inferior a 0.05.

5. Participantes

A amostra do presente estudo tem como população alvo estudantes de Licenciatura e Mestrado com horário laboral da Universidade de Évora. A recolha dos dados foi entre Janeiro e Junho de 2017, tendo contado com 384 participantes (N=384), de idades compreendidas entre os 17 e os 27 anos de idade (média de 20,67 e desvio padrão de 2,04).

A amostra é constituída por 131 (34,1%) participantes do sexo masculino e 251 (65,4%) participantes do sexo feminino, sendo que 348 (90,6%) dos participantes se identificam como heterossexuais, 16 (4,2%) como bissexuais, 9 (2,3%) como gay/lésbica, 1 (0,3%) como Panssexual e por fim 7 (1,8%) dos participantes disseram que não sabiam a sua

Tabela 1 *Distribuição dos/as participantes por Sexo e Orientação Sexual*

		Masculino	Feminino	Total
Heterossexual	N (%)	121 (92.4)	225 (89.6)	348 (90.6)
Bissexual	N (%)	2 (1.5)	14 (5.6)	16 (4.2)
Lébrica/Gay	N (%)	5 (3.8)	4 (1.6)	9 (2.3)
Não Sei	N (%)	2 (1.5)	5 (2.0)	7 (1.8)
Panssexual	N (%)	0	1 (0.4)	1 (0.3)
Não Respondeu	N (%)	1 (0.8)	2 (0.8)	3 (0.8)
Total	N (%)	131 (34.1)	251 (65.4)	

*2 participantes não responderam na variável sexo

Dos participantes, 331 (86,2%) estão atualmente a frequentar a licenciatura e 53 (13,8%) a frequentar o mestrado, distribuindo-se pelas áreas de estudos de artes (62;16,1%), Ciências Sociais (261;68,0%) e Ciências e Tecnologia (61;15,9%).

Relativamente à religiosidade, 169 (44,0%) dos participantes afirmaram ser nada/pouco religiosos/as, 115 (29,9%) moderadamente religiosos/as e 100 (26,0%) afirmaram ser muito religiosos/as. No que diz respeito à posição política, 121 (33,6%) participantes afirmaram ser de esquerda, 158 (43,9) posicionaram-se ao centro e 81 (22,5%)

afirmaram ser de direita, tendo sido divididos criados estes três grupos a partir das respostas dadas numa escala de 1 a 12.

Dos participantes, 282 (73,4%) responderam que conheciam alguém bissexual, 57 (14,8%) responderam que não conheciam ninguém bissexual e 45 (11,7%) respondeu que não sabiam.

Tabela 2. *Distribuição dos/as participantes por Sexo e Conhecimento de Alguém Bissexual*

		Sim	Não	Não Sei	Total
Masculino	N (%)	82 (62.6)	29 (22.1)	20 (15.3)	131
Feminino	N (%)	198 (78.9)	28 (11.2)	25 (10.0)	251
Total		282 (73.4)	57 (14.8)	45 (11.7)	

Relativamente ao grau de proximidade, 72 (18.8%) dos participantes diz ser Pouco Próximo de Alguém Bissexual, 104 (27.1%) diz ser Relativamente Próximo e 121 (31.5%) dos participantes diz ser Muito Próximo.

6. Apresentação e Análise dos Resultados

6.1. Análise Psicométrica das Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina e Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Masculina

Foi realizada a Análise Fatorial Exploratória (AFE) para cada Escala de Atitudes Face à Bissexualidade (feminina e masculina) do Questionário de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina e Masculina tendo em conta a sua adaptação e as características da amostra recolhida.

Nas Análises Fatoriais Exploratórias (AFE) de ambas as escalas foram obtidos quatro fatores utilizando os 24 itens de cada escala. No entanto, a matriz fatorial apresentava-se pouco clara, com itens a saturarem em mais que um fator em simultâneo. Tendo em conta os critérios estatísticos (os itens devem saturar mais que .40 e o *crossloading* não deve ser inferior a .15. Worthington & Whittaker, 2006), foi considerado que estes itens tornavam a matriz mais complexa e conseqüentemente foram retirados da análise fatorial, apresentando por fim uma matriz mais clara e mais simples (Tabachnick & Fidell, 2013). Assim, cada escala conta com 19 itens distribuídos da mesma forma em três fatores.

Apesar das semelhanças nas estruturas fatoriais das duas escalas, na Escala de Atitudes face à Bissexualidade Feminina foi percebido que o item 20 (*As mulheres bissexuais não deveriam poder ser mães*) saturava em mais do que um fator. No entanto, este não foi excluído da análise fatorial, apesar dos seus valores, por razões teóricas que apontam para as questões de género e que podem justificar estes mesmos valores.

Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina (EAFB-Feminina)

Os resultados obtidos na Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina foram analisados através do Teste de Esfericidade de Bartlett ($\chi^2 = 3695.065$; Df = 171; $p < 0.00$) e a Medida de Adequação da Amostra (KMO = .933), demonstrando que as variáveis são correlacionáveis e que a fatorabilidade da matriz de correlação apresenta um nível excelente, superior a .8 (Maroco, 2011). Foram assim obtidos três fatores explicativos de 59.31% da Variância Total, com um Alpha de Cronbach de .924.

Como se pode verificar na Tabela 3, o primeiro fator é composto pelos itens: 4, 13, 9, 10, 14, 2, 20, 7, 22, explicativo de 25.21% da Variância Total e com um *alpha* de .90. O segundo fator é composto pelos itens: 20, 19, 23, 21, 17, 24, explicativo de 17.68% da Variância Total e com um *alpha* de .86. O terceiro fator é composto pelos itens: 3, 16, 11, 1, 8, explicativo de 16.42% da Variância Total e com um *alpha* de .80.

Tabela 3. *Estrutura fatorial da Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina*

Itens	Fatores		
	1	2	3
4. As mulheres bissexuais são doentes	,779	,134	,074
13. Na minha opinião, a bissexualidade feminina é antinatural	,761	,255	,151
9. Não deveria ser permitido mulheres bissexuais serem professoras	,753	,199	,045
10. A bissexualidade feminina é imoral	,733	,319	,163
14. A bissexualidade feminina é uma perversão	,700	,338	,216
2. A crescente aceitação da bissexualidade feminina indica um declínio nos valores da sociedade	,628	,198	,381
20. As mulheres bissexuais não deveriam poder ser mães	,561	,531	-,026
7. Se tivesse uma filha bissexual ficaria chateado/a	,537	,291	,264
22. Não gostaria de ser amigo/a de uma mulher bissexual	,509	,366	,156
19. As mulheres bissexuais não são capazes de ter relações românticas saudáveis	,215	,712	,180
23. As mulheres bissexuais não são capazes de manter relações estáveis	,408	,705	,174
21. As mulheres bissexuais não são fiéis nas suas relações amorosas	,439	,702	,119
17. As mulheres bissexuais são obcecadas com o sexo	,193	,679	,277
24. As mulheres bissexuais têm uma vida sexual promíscua	,359	,513	,353
3. A maioria das mulheres que diz ser bissexual está a experimentar temporariamente a sua sexualidade	,107	,016	,820
16. A maioria das mulheres que se identifica como bissexual ainda não descobriu a sua verdadeira orientação sexual	,064	,301	,765
11. A bissexualidade feminina é uma fase de experimentação	,121	,228	,759
1. A maioria das mulheres que diz ser bissexual está a negar a sua orientação sexual	,373	-,017	,588
8. Lésbicas são menos confusas sobre a sua orientação sexual que mulheres bissexuais	,097	,341	,566
Percentagem de Variância Explicada	25.21	17.68	16.42
Alpha de Cronbach	.90	.86	.80
Média	1.31	1.41	2.03
Desvio Padrão	.57	.62	.80

Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Masculina (EAFB-Masculina)

Os resultados obtidos na Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Masculina através do Teste de Esfericidade de Bartlett ($\chi^2 = 4791.048$; Df = 171; $p < 0.00$) e a Medida de Adequação da Amostra (KMO = .942), demonstrando que as variáveis são correlacionáveis e que a fatorabilidade da matriz de correlação apresenta um nível excelente, superior a .8 (Maroco, 2011). Foram assim obtidos três fatores explicativos de 65.73% da Variância Total, com um Alpha de Cronbach de .940.

Como se pode verificar na Tabela 4, o primeiro fator é composto pelos itens: 4, 13, 9, 10, 14, 2, 20, 7, 22, explicativo de 29.86% da Variância Total com um *alpha* de .93. O segundo fator é composto pelos itens: 19, 23, 21, 17, 24, explicativo de 18.60% da Variância Total com um *alpha* de .88. O terceiro fator é composto pelos itens: 3, 16, 11, 1, 8, explicativo de 17.27% da Variância Total com um *alpha* de .83.

Tabela 4. *Estrutura fatorial da Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Masculina*

Itens	Fatores		
	1	2	3
4. Os homens bissexuais são doentes	,831	,185	,123
9. Não deveria ser permitido homens bissexuais serem professores	,792	,254	,108
10. A bissexualidade masculina é imoral	,777	,226	,234
13. Na minha opinião, a bissexualidade masculina é antinatural	,750	,315	,165
20. Os homens bissexuais não deveriam poder ser pais	,749	,402	,053
14. A bissexualidade masculina é uma perversão	,734	,429	,144
2. A crescente aceitação da bissexualidade masculina indica um declínio nos valores da sociedade	,687	,236	,371
7. Se tivesse um filho bissexual ficaria chateado/a	,580	,269	,276
22. Não gostaria de ser amigo/a de um homem bissexual	,568	,431	,108
17. Os homens bissexuais são obcecados com o sexo	,193	,769	,236
21. Os homens bissexuais não são fiéis nas suas relações amorosas	,426	,712	,141
19. Os homens bissexuais não são capazes de ter relações românticas saudáveis	,380	,707	,220
23. Os homens bissexuais não são capazes de manter relações estáveis	,479	,692	,221
24. Os homens têm uma vida sexual promíscua	,332	,622	,285
3. A maioria dos homens que diz ser bissexual está a experimentar temporariamente a sua sexualidade	,095	,065	,853
11. A bissexualidade masculina é uma fase de experimentação	,058	,207	,808
16. A maioria dos homens que se identifica como bissexual ainda não descobriu a sua verdadeira orientação sexual	,153	,234	,749
8. Gays são menos confusos sobre a sua orientação sexual que homens bissexuais	,185	,235	,607
1. A maioria dos homens que diz ser bissexual está a negar a sua orientação sexual	,432	,072	,599
Percentagem de Variância Explicada	29.86	18.60	17.27
Alpha de Cronbach	.93	.88	.83
Média	1.36	1.45	2.00
Desvio Padrão	.68	.68	.84

Após a Análise Fatorial, foi percebido que as duas Escalas de Atitudes face à Bissexualidade apresentavam estruturas fatoriais semelhantes. Desta forma, a denominação do nome atribuído e representativo de cada fator foi o mesmo para ambas.

Neste sentido o primeiro fator é denominado de *Discriminação* por dizer respeito a opiniões que encaram a bissexualidade como sendo antinatural, uma doença e uma perversão, associando-a ao declínio dos valores da sociedade. A bissexualidade é vista como uma orientação sexual viável, mas a ameaça imaginada do deslocamento das atrações eróticas e lealdades sociopolíticas influencia o grau em que os bissexuais são vistos como parceiros confiáveis e membros da comunidade e ainda o grau em que a bissexualidade é vista como uma orientação sexual moral e tolerável.

O segundo fator é designado de *Constância/Instabilidade*, já que diz respeito a uma ampla gama de opiniões sobre a estabilidade da bissexualidade como orientação sexual, bem como a estabilidade das mulheres e homens bissexuais nos seus compromissos românticos, atrações eróticas e amizades. Este factor aprega itens que dizem respeito à estabilidade das relações amorosas, à incapacidade de ter relações românticas e à fidelidade, bem como à promiscuidade e à obsessão com o sexo associado aos/às bissexuais.

Por último, o terceiro fator é denominado de *Identidade/Recusa da Identidade Bissexual*, dizendo respeito a um conjunto de opiniões relativas à legitimidade da bissexualidade como orientação sexual e como identidade. É composto por itens onde estão presentes crenças sobre a negação de uma orientação sexual e à experimentação associada à bissexualidade.

No que diz respeito aos valores apresentados nesta dissertação deve ser tido em conta que valores mais elevados nas análises estatísticas realizadas representam atitudes mais negativas.

Como se pode verificar na Tabela 5, existe uma associação muito forte entre o fator *Discriminação* da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina ($r = .905$, $p < .01$) sendo considerada uma correlação muito forte. Existe ainda, uma associação forte entre o fator *Constância* da EAFBF-Feminina e da EAFB-Masculina ($r = .874$, $p < .01$), apresentando uma correlação forte. E por último uma associação forte entre o fator *Identidade* da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina ($r = .876$, $p < .01$), sendo uma correlação forte.

Tabela 5. Coeficientes de Correlação de Person entre os fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina

	1	2	3	4	5	6
1.Discriminação_EAFB-Feminina	-					
2.Constância_EAFB-Feminina	,784**	-				
3.Identidade_EAFB-Feminina	,479**	,514**	-			
4.Discriminação_EAFB-Masculina	,905**	,797**	,469**	-		
5.Constância_EAFB-Masculina	,698**	,874**	,513**	,760**	-	
6.Identidade_EAFB-Masculina	,455**	,528**	,876**	,505**	,534**	-

** . A correlação é significativa no nível 0.01 (2 extremidades).

6.2. Respostas às Questões de Investigação

6.2.1. Existem diferenças de opiniões face à bissexualidade feminina e masculina?

Para responder a esta questão de investigação foi realizada uma comparação de médias, com o intuito de perceber diferenças entre os fatores da escala feminina e os fatores da escala masculina. Tal como se pode verificar na Tabela 6, a bissexualidade masculina é no geral mais *discriminada* e vista como mais *instável* do que a bissexualidade feminina, sendo estas as diferenças estatisticamente significativas. No que diz respeito ao fator *identidade* não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre bissexualidade feminina e a bissexualidade masculina.

Tabela 6. Comparação de Médias e Desvios Padrão entre os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina (paired sample t-test)

	Média(DP)	t (383)	Sig. (2-tailed)
F.Discriminação	1.31 (.57)		
M.Discriminação	1.36 (.62)	3.09	.002
F.Constância	1.41 (.80)		
M.Constância	1.45 (.68)	2.89	.004
F.Identidade	2.03 (.68)		
M.Identidade	2.00 (.84)	1.39	.166

Na EAFB-Masculina o fator *Discriminação* apresenta uma média de 1.36 com um desvio padrão de .62, o fator *Constância* apresenta uma média de 1.45 com desvio padrão de

.68 e por último o fator *Identidade* apresenta uma média de 2.00 e um desvio padrão de .84.

Na EAFB-Feminina o fator *Discriminação* apresenta uma média de 1.31 com desvio padrão de .57, o fator *Constância* apresenta uma média de 1.41 com desvio padrão de .80 e o fator *Identidade* apresenta uma média de 2.03 com desvio padrão de .68.

6.2.2. *Existem diferenças de opinião face à bissexualidade feminina e/ou masculina em função do sexo?*

Para responder à questão de investigação é apresentado na Tabela 7 diferenças significativas na opinião dos participantes do sexo masculino e participantes do sexo feminino relativamente à *discriminação*, ($t_{(380)} = 4.83, p < .001$), à *constância*, ($t_{(380)} = 6.65, p < .001$) e à *identidade* ($t_{(380)} = 3.47, p = .001$), face à bissexualidade feminina.

A Tabela 7 mostra também diferenças significativas na opinião dos participantes do sexo masculino e participantes do sexo feminino relativamente à *discriminação* ($t_{(380)} = 6.76, p < .001$), à *constância* ($t_{(380)} = 6.81, p < .001$) e à *identidade* ($t_{(380)} = 3.77, p < .001$) da bissexualidade masculina.

Tabela 7. *Comparação de Médias e Desvios Padrão entre Sexo e os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina*

Fatores	Masculino (n = 131) Média (DP)	Feminino (n = 251) Média (DP)	t (380)	p
F.Discriminação	1.55 (.80)	1.19 (.35)	4.83	<.001
F.Constância	1.73 (.80)	1.23 (.42)	6.65	<.001
F.Identidade	2.22 (.84)	1.93 (.76)	3.47	.001
M.Discriminação	1.75 (.97)	1.16 (.32)	6.76	<.001
M.Constância	1.82 (.87)	1.27 (.46)	6.81	<.001
M.Identidade	2.24 (.94)	1.88 (.76)	3.77	<.001

Através dos resultados apresentados é possível perceber que os participantes do sexo masculino revelam atitudes mais discriminatórias, consideram mais instável e rejeitam mais como identidade a bissexualidade (feminina e masculina) em comparação com os participantes do sexo feminino. De forma a ser possível uma análise mais detalhada das diferenças de opinião foram ainda realizadas duas análises onde foram comparadas opiniões face à bissexualidade feminina e masculina por participantes do sexo feminino e masculino em separado.

Como se pode observar na Tabela 8, ao comparar apenas a opinião dos participantes do sexo masculino, foi possível concluir que estes apresentam atitudes mais discriminatórias face à bissexualidade masculina ($M = 1.75$) do que a bissexualidade feminina ($M = 1.55$) e consideram a bissexualidade masculina mais instável ($M = 1.82$) do que a bissexualidade feminina ($M = 1.73$). Ainda que não seja significativo, no que diz respeito ao factor identidade os participantes do sexo masculino rejeitam mais a bissexualidade masculina enquanto identidade ($M = 2.24$) do que a bissexualidade feminina ($M = 1.22$).

Na Tabela 9 são apresentados os resultados estatísticos obtidos com as participantes do sexo feminino, que não são tão evidentes como os do sexo masculino. Foi possível concluir que estas revelam atitudes mais discriminatórias face à bissexualidade feminina ($M = 1.19$) em comparação com a bissexualidade masculina ($M = 1.16$); consideram a bissexualidade masculina mais instável ($M = 1.27$) em comparação com a bissexualidade feminina ($M = 1.23$). Relativamente ao factor identidade as participantes do sexo feminino rejeitam mais a bissexualidade feminina enquanto identidade ($M = 1.93$) do que com a bissexualidade masculina ($M = 1.88$).

Tabela 8. Comparação de Médias e Desvios Padrão do Sexo Masculino e os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina (paired sample t-test)

	Média	t (130)	Sig. (2-tailed)
F.Discriminação	1.55		
M.Discriminação	1.75	5.31	<.001
F.Constância	1.73		
M.Constância	1.82	2.05	.042
F.Identidade	1.22		
M.Identidade	2.24	.31	.757

Tabela 9. Comparação de Médias e Desvios Padrão do Sexo Feminino e os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina (paired sample t-test)

	Média	t (250)	Sig. (2-tailed)
F.Discriminação	1.19		
M.Discriminação	1.16	4.36	<.001
F.Constância	1.23		
M.Constância	1.27	2.31	.022
F.Identidade	1.93		
M.Identidade	1.88	2.41	.017

6.2.3. *Existem diferenças de opinião face à bissexualidade feminina e masculina em função da orientação sexual?*

Para responder a esta questão de investigação foram tidos em conta apenas uma parte dos participantes da amostra. Como exposto anteriormente, 90% da amostra caracterizou-se como heterossexual, 4% como bissexual e apenas 2% como gays/lésbicas. Neste sentido foi decidido não realizar análises comparativas com indivíduos gays/lésbicas tendo em conta que são em número muito reduzido. Apesar de também os indivíduos bissexuais representarem uma pequena percentagem da amostra, foi decidido fazer uma análise comparativa entre opiniões de indivíduos heterossexuais e bissexuais. Os resultados abaixo apresentados devem ser analisados tendo sempre presente a discrepância dos números da variável em comparação, bem como o reduzido número de participantes bissexuais.

Como podemos ver na Tabela 10, existem diferenças estatisticamente significativas entre opiniões de participantes heterossexuais e bissexuais face à *discriminação* ($t_{(362)} = 9.25, p < .001$), à *constância* ($t_{(362)} = 13.00, p < .001$) e à *identidade* ($t_{(362)} = 4.31, p < .001$) da bissexualidade feminina.

A Tabela 10 mostra diferenças estatisticamente significativas entre opiniões de participantes heterossexuais e bissexuais face à *discriminação* ($t_{(362)} = 7.52, p < .001$), à *constância* ($t_{(362)} = 5.59, p < .001$) e à *identidade* ($t_{(362)} = 4.59, p < .001$) da bissexualidade masculina.

Tabela 10. *Comparação de Médias e Desvios Padrão entre a Orientação Sexual e os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina (teste t)*

Fatores	Orientação Sexual		$t_{(362)}$	P
	Heterossexuais	Bissexuais		
	(n = 348) Média (DP)	(n = 16) Média (DP)		
F..Discriminação	1.32 (.58)	1.01 (.06)	9.25	<.001
F.Constância	1.43 (.61)	1.00 (.00)	13.00	<.001
F.Identidade	2.06 (.80)	1.41 (.58)	4.31	<.001
M.Discriminação	1.38 (.70)	1.03 (.11)	7.52	<.001
M.Constância	1.48 (.70)	1.08 (.25)	5.59	<.001
M.Identidade	2.03 (.83)	1.40 (.52)	4.59	<.001

Estes resultados sugerem que participantes heterossexuais revelam atitudes mais discriminatórias, consideram mais instável e rejeitam mais a bissexualidade feminina e masculina do que os participantes bissexuais, ainda que com valores baixos.

6.2.4. Existem diferenças de opiniões face à bissexualidade feminina e masculina em função da idade?

Foram realizadas análises estatísticas relativamente à variável idade face aos vários fatores da Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina e dos fatores da Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Masculina, no entanto não foram obtidos valores estatisticamente significativos, ou seja, não existem diferenças de opinião face às escalas tendo em conta a idade da população alvo.

6.2.5. Existem diferenças de opinião face à bissexualidade feminina e masculina em função da Posição Política?

Para responder à questão de investigação, facilitar a análise e interpretação das diferenças de médias foram criados grupos em função da posição política. Neste sentido, foram criados três grupos: Esquerda, Centro e Direita.

A Tabela 11 mostra diferenças estatisticamente significativas entre a posição política e o fator *discriminação* ($F(2,357) = 5.72, p = .004$) na bissexualidade feminina. Podemos ainda ver uma diferença estatisticamente significativa entre a posição política e o fator *discriminação* ($F(2,357) = 8.30, p < .001$) na bissexualidade masculina.

Tabela 11. Comparação de Médias e Desvios Padrão entre a Posição Política e os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina (ANOVA oneway)

Fatores	Posição Política			F (2,357)	p	Post Hoc Tests
	Esquerda (n = 121) Média (DP)	Centro (n = 158) Média (DP)	Direita (n = 81) Média (DP)			
F.Discriminação	1.28 (.58)	1.25 (.46)	1.51 (.75)	5.72	.004	Dta > Esq (p = 0.016) / Centro (p = 0.004)
F.Constância	1.35 (.64)	1.39 (.59)	1.54 (.68)	2.23	.109	
F.Identidade	1.97 (.85)	1.99 (.77)	1.99 (.77)	2.39	.093	
M.Discriminação	1.28 (.62)	1.30 (.57)	1.69 (.93)	8.30	<.001	Dta > Esq/Centro (p = 0.001)
M.Constância	1.39 (.65)	1.44 (.65)	1.61 (.82)	2.46	.087	
M.Identidade	1.94 (.86)	1.96 (.80)	2.19 (.91)	2.45	.088	

Através dos resultados podemos perceber que quanto mais à direita um indivíduo se posiciona politicamente mais revela atitudes discriminatórias face à bissexualidade, mais a considera instável e mais rejeita a bissexualidade enquanto identidade, tanto face à bissexualidade feminina como à bissexualidade masculina. Em contraste, quanto mais à esquerda um indivíduo se posicionar politicamente, menos revela atitudes discriminatórias face à bissexualidade, menos considera instável e menos considera a bissexualidade como uma fase de experimentação não a rejeitando enquanto identidade bissexual. A ausência de mais resultados significativos pode dever-se ao facto da população em questão se posicionar na sua grande maioria no centro da escala política. Estes resultados estão em conformidade com o estudo de Mariana Costa Lobo (2018) onde 42% dos portugueses posicionam-se ao centro na escala esquerda-direita, isto é entre os valores “4” e “6”.

6.2.6. *Existem diferenças de opinião face à bissexualidade feminina e masculina em função da posição religiosa?*

Para responder à questão de investigação, facilitar a análise e interpretação das diferenças de médias foram criados grupos em função da posição política. Neste sentido, foram criados três grupos: Pouco Religioso/a, Moderadamente Religioso/a e Muito Religioso/a.

Na Tabela 12 mostra diferenças estatisticamente significativas entre a posição religiosa e o fator *discriminação* ($F(2,357) = 3.51, p = .031$), na *constância* ($F(2,357) = 4.31, p = .014$) e na *identidade* ($F(2,357) = 10.27, p < .001$) na bissexualidade feminina. Podemos ainda ver uma diferença estatisticamente significativa entre a posição religiosa e o fator *identidade* ($F(2,357) = 6.59, p = .002$) na bissexualidade masculina.

Tabela 12. Comparação de Médias e Desvios Padrão entre a Posição Religiosa e os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina (ANOVA oneway)

Fatores	Posição Religiosa			F (2,357)	p	Post Hoc Test
	Pouco Religioso/a (n = 121) Média (DP)	Moderadamente Religioso/a (n = 158) Média (DP)	Muito Religioso/a (n = 81) Média (DP)			
F.Discriminação	1.23 (.57)	1.33 (.53)	1.42 (.62)	3.51	.031	Muito Rel > Nad Rel (p = 0.025)
F.Constância	1.30 (.52)	1.50 (.69)	1.47 (.68)	4.31	.014	Mod Rel > Nada Rel (p = 0.021)
F.Identidade	1.83 (.76)	2.12 (.77)	2.26 (.85)	10.27	<.001	Nada Rel > Mod Rel (p = 0.007 / Muito Rel (p = 0.000)
M.Discriminação	1.28 (.70)	1.37 (.61)	1.47 (.73)	2.40	.092	
M.Constância	1.37 (.65)	1.52 (.74)	1.52 (.74)	2.31	.100	
M.Identidade	1.84 (.82)	2.06 (.82)	2.21 (.85)	6.59	.002	Muito Rel > Nad Rel (p = 0.001)

Tendo em conta os resultados apresentados, incluindo não só as análises estatisticamente significativas, podemos perceber que quando um indivíduo se considera muito religioso, revela atitudes mais discriminatórias, considerando que a bissexualidade é instável e rejeitando a bissexualidade enquanto identidade. Em comparação, indivíduos que se consideram pouco religiosos, revelam atitudes menos discriminatórias face à bissexualidade, considerando a bissexualidade menos instável e menos consideram a bissexualidade como uma fase de experimentação não a rejeitando enquanto identidade bissexual.

6.2.7. *O conhecimento de alguém bissexual e o nível de proximidade pode influenciar as atitudes face à bissexualidade feminina e masculina?*

Diferenças de médias em relação ao Conhecimento de Alguém Bissexual

De forma a responder à questão de investigação é apresentado na Tabela 13 diferenças estatisticamente significativas entre opiniões de participantes que conhecem alguém bissexual e de participantes que não conhecem, face à *discriminação* ($t_{(382)} = 2.47, p = .015$), à *constância* ($t_{(382)} = 2.86, p = .005$) e à *identidade* ($t_{(382)} = 2.47, p = .014$) da bissexualidade feminina.

A Tabela mostra também diferenças estatisticamente significativas entre opiniões de participantes que conhecem alguém bissexual e de participantes que não conhecem, face à *discriminação* ($t_{(382)} = 2.66, p = .009$), à *constância* ($t_{(382)} = 2.55, p = .012$) e à *identidade* ($t_{(382)} = 2.54, p = .011$) da bissexualidade masculina.

Tabela 13. Comparação de Médias e Desvios Padrão entre o Conhecimento de Alguém Bissexual e os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina (teste *t*)

Conhecimento de Alguém Bissexual				
Fatores	Sim (n = 282) Média (DP)	Não/Não Sei (n = 102) Média (DP)	<i>t</i> (382)	<i>P</i>
F.Discriminação	1.26 (.52)	1.45 (.68)	2.47	.015
F.Constância	1.35 (.58)	1.57 (.72)	2.86	.005
F.Identidade	1.97 (.78)	2.20 (.84)	2.47	.014
M.Discriminação	1.29 (.60)	1.54 (.85)	2.66	.009
M.Constância	1.40 (.64)	1.61 (.76)	2.55	.012
M.Identidade	1.93 (.81)	2.18 (.91)	2.54	.011

Estes resultados indicam indivíduos que não conheçam alguém bissexual revelam atitudes mais discriminatórias, consideram mais instável e rejeitam mais enquanto identidade a bissexualidade feminina e masculina face a quem conhecem alguém bissexual.

Diferenças de médias em relação ao Nível de Proximidade

Para facilitar a análise e interpretação das diferenças de médias foram criados grupos em função do grau de proximidade. Neste sentido foram criados 3 grupos: Pouco Próximo, Relativamente Próximo e Muito Próximo.

Conforme apresentado na Tabela 14 existem diferenças estatisticamente significativas entre o grau de proximidade, ao nível do fator *discriminação* ($F(2,294) = 12.97, p < .001$), à *constância*, ($F(2,294) = 8.50, p < .001$) e à *identidade* ($F(2,294) = 4.61, p = .011$) na bissexualidade feminina.

A tabela mostra ainda diferenças estatisticamente significativas entre o grau de proximidade, ao nível do fator *discriminação* ($F(2,294) = 8.39, p < .001$), à *constância*, ($F(2,294) = 9.00, p < .001$) e à *identidade* ($F(2,294) = 4.18, p = .016$) na bissexualidade masculina.

Tabela 14. Comparação de Médias e Desvios Padrão entre o Grau de Proximidade e os diferentes fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina (ANOVA oneway)

Fatores	Grau de Proximidade			F (2,294)	p
	Pouco Próximo (n = 72) Média (DP)	Relativamente Próximo (n = 104) Média (DP)	Muito Próximo (n = 121) Média (DP)		
F.Discriminação	1.50 (.79)	1.31 (.51)	1.11 (.26)	12.97	<.001
F.Constância	1.55 (.73)	1.40 (.61)	1.21 (.39)	8.50	<.001
F.Identidade	2.13 (.82)	2.08 (.77)	1.82 (.76)	4.61	.011
M.Discriminação	1.51 (.87)	1.34 (.56)	1.15 (.39)	8.39	<.001
M.Constância	1.65 (.81)	1.45 (.67)	1.25 (.46)	9.00	<.001
M.Identidade	2.13 (.82)	2.01 (.80)	1.80 (.79)	4.18	.016

Estes resultados estatísticos indicam que indivíduos que se posicionam na escala de grau de proximidade de alguém bissexual como “Pouco Próximos” revelam atitudes

mais discriminatórias face à bissexualidade feminina e masculina, considerando a bissexualidade (feminina e masculina) mais instável e rejeitam-nas mais como uma identidade do que participantes que se posicionaram como “Relativamente Próximos” ou “Muito Próximos”.

7. Discussão

Um dos aspetos importantes a ser refletido nesta dissertação deve-se à impossibilidade de realização do primeiro estudo proposto, como falado nas considerações prévias. Neste sentido, acredito ser importante refletir sobre o facto de indivíduos que se identifiquem como bissexuais poderem de certa forma contribuir para a invisibilidade da bissexualidade (*bisexual erasure*) e não só a bissexualidade ser invisível através de outros. Galupo (2011) refere como, em determinados contextos indivíduos que podem de outra maneira identificar-se como *queer* ou bissexual, podem escolher uma categorização mais simples (e.g. homossexual ou heterossexual) sendo mais facilmente percebido sem envolver uma explicação detalhada da vida sexual de um indivíduo. Esta falha de clareza e coerência em partilhar conhecimentos sobre a identidade bissexual pode ser stressante para um indivíduo que se identifique como bissexual.

Na investigação de Duffin (2016) o investigador percebeu que uma das possíveis razões para os homens entrevistados no estudo não se identificarem como bissexuais deve-se ao facto da bissexualidade ser tão incomum e quase invisível. Na sociedade existem poucas ou nenhuma narrativas sobre a identidade bissexual, nem história, nem normas de comportamento, nem mesmo uma definição clara. Enquanto que existem muitas figuras públicas, celebridades e artistas abertamente gay, continua a ser difícil nomear algumas pessoas famosas que se identifiquem como bissexuais. Outra das possíveis justificações parte do princípio que os entrevistados acreditavam que a categoria bissexual abraçava de alguma forma a categoria homossexual, e tendo em conta o carácter estigmatizante da categoria homossexual, a identidade bissexual era vista como indesejável. Tendo em conta que o comportamento dos participantes levava a que se encontrassem entre dois polos, e que eram compelidos pela sociedade a organizarem-se de acordo com uma visão binária da sexualidade para escolher uma categorização, não é surpreendente que os participantes escolhessem a menos estigmatizada.

Outro aspeto a ter em conta é a constituição da amostra no que diz respeito à orientação sexual. Como referido anteriormente, 90% dos participantes neste estudo categoriza-se como heterossexual, 4% como bissexual e 2% como gays/lésbicas. Apesar da pouca representação de indivíduos homossexuais e bissexuais, e tendo em conta o objetivo de conhecer atitudes de indivíduos heterossexuais, homossexuais e bissexuais face à bissexualidade feminina e masculina, foi decidido que todos os participantes seriam considerados no estudo, designadamente no estudo psicométrico das escalas e nas

respostas às questões de investigação (com excepção da análise em função da orientação sexual). Desta forma, os resultados desta dissertação devem ser analisados tendo sempre presente a discrepância das percentagens relativas à orientação sexual.

Assim, relativamente ao estudo efetivamente, será discutida a análise psicométrica das escalas utilizadas bem como os resultados obtidos para resposta às questões de investigação formuladas.

Tendo em conta que não existe nenhuma Escala/Questionário de atitudes face à bissexualidade adaptada à população portuguesa foi necessária a criação/adaptação da Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina e da Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Masculina. Foram obtidos para ambas as escalas, bons valores de validade e fiabilidade através da Análise Fatorial Exploratória e do alpha de Cronbach. Através dessas análises foi possível perceber que as escalas apresentam estruturas fatoriais muito semelhantes, o que levou a que apresentassem os mesmos fatores: *Discriminação* (opiniões que encaram a bissexualidade como sendo antinatural, uma doença e uma perversão), *Constância* (opiniões sobre a estabilidade da bissexualidade como orientação sexual; estabilidade das mulheres e homens bissexuais nos compromissos românticos e amizades) e *Identidade* (opiniões relativas à legitimidade da bissexualidade como orientação sexual e como identidade). A análise das correlações entre os fatores da EAFB-Feminina e da EAFB-Masculina revelou que existem correlações significativas fortes e muito fortes entre os factores das duas escalas – o factor *discriminação* da EAFB-Feminina está muito fortemente associado ao factor *discriminação* da EAFB-Masculina; o factor *constância* da EAFB-Feminina está fortemente associado ao factor *constância* da EAFB-Masculina e o factor *identidade* está fortemente associado ao factor *identidade* da EAFB-Feminina. Os valores obtidos apontam no sentido de uma grande proximidade nas atitudes evidenciadas face à bissexualidade feminina e masculina.

De forma a responder à primeira questão de investigação foi realizada uma comparação de médias, com o intuito de analisar diferenças entre os fatores da escala feminina e masculina. Assim, é notório um duplo padrão no que se refere à bissexualidade feminina e masculina: a bissexualidade masculina é mais discriminada (atitudes mais negativas) e considerada mais instável, mas a bissexualidade feminina é mais rejeitada enquanto identidade do que a bissexualidade masculina. Este duplo padrão, pode ser justificado pela forma em que a bissexualidade é expressa no discurso da feminilidade, onde as mulheres bissexuais são “presas” entre a invisibilidade e a hipervisibilidade. Muitas

mulheres bissexuais, encontram-se visíveis em lugares como videoclips, na televisão e por vezes na pornografia, muitas vezes ao serviço do prazer masculino, mas é-lhes negada a complexidade política, afetiva e íntima do próprio desejo sexual (Rodríguez, 2016). Tal como Louderback e Whitley (1997) constataram, a erotização de homens pela sexualidade lésbica explicou a sua maior aceitação de lésbicas do que homens gays.

A investigação de Yost e Thomas (2012) demonstra também que respostas a respeito da probabilidade de homens bissexuais serem gays indica que os participantes acreditavam que qualquer desejo sexual ou contacto com outro homem era suficiente para indicar a sua homossexualidade. Por outro lado, respostas sobre o sexo feminino eram focadas na probabilidade de mulheres bissexuais serem heterossexuais. Se os participantes acreditavam que homens bissexuais eram na verdade gays, mas mulheres bissexuais eram na verdade heterossexuais, a bi-negatividade face a homens pode na verdade refletir homonegatividade, e atitudes positivas face a mulheres bissexuais podem refletir a ausência da homonegatividade: às mulheres bissexuais era dado o benefício da dúvida e garantidos alguns privilégios heterossexuais. As conclusões deste estudo podem também justificar o porquê da bissexualidade feminina pontuar mais do que a bissexualidade masculina no factor identidade (fase de experimentação).

No que se refere à segunda questão de investigação, foi possível perceber que os participantes do sexo masculino apresentam uma média mais elevada do que os participantes do sexo feminino no que diz respeito à discriminação, à constância e à identidade da bissexualidade masculina e feminina em comparação com os participantes do sexo feminino. Estes resultados vão de encontro aos de Hinrich e Rosenberg (2002) que revelam que raparigas são significativamente mais prováveis do que homens de expressar atitudes positivas face a indivíduos gays, lésbicas e bissexuais.

Foi ainda possível perceber que os participantes do sexo masculino revelam atitudes mais discriminatórias e consideram mais instável a bissexualidade masculina do que a bissexualidade feminina. No que diz respeito ao factor identidade, estes rejeitam mais a bissexualidade masculina enquanto identidade do que a bissexualidade feminina. Estes resultados podem ser justificados partindo das expectativas que a sociedade atribui em específico à sexualidade dos homens tendo por base a percepção de que obrigatoriamente os homens têm de ser másculos. Esta conceção está associada aos papéis de género (características da identidade sexual, construídas socialmente que

dizem respeito às normas de comportamento e de aparência que a sociedade associa ao género) (Oliveira, 2010). Estudos apontam para que exista uma maior discriminação face a homens bissexuais do que face a mulheres lésbicas ou bissexuais, o que pode justificar o facto de homens bissexuais demonstrarem um comportamento mais inibido (Yost & Thomas, 2012). Estudos realizados na Universidade de Évora como é o caso de Bota (2017), mostram que os participantes do sexo masculino expressam atitudes mais aversivas e mais preconceituosas relativamente a pessoas não-heterossexuais, do que as participantes do sexo feminino. Por sua vez, Correia (2014) e Morais (2016) revelam que homens homossexuais e bissexuais apresentam comportamentos mais inibidos na gestão da visibilidade da sua orientação sexual.

O presente estudo mostrou, que participantes do sexo feminino revelam atitudes mais discriminatórias face à bissexualidade feminina do que face à bissexualidade masculina, consideram que a bissexualidade masculina é mais instável do que a bissexualidade feminina e rejeitam mais a bissexualidade feminina enquanto identidade do que a bissexualidade masculina. Estes resultados vêm contradizer os resultados da investigação de Yost e Thomas (2012), que concluíram que participantes do sexo feminino aceitavam igualmente a bissexualidade feminina e masculina. No estudo de Worthen (2012b) foi percebido que ser rapariga/mulher é positivamente relacionado com atitudes favoráveis face a indivíduos gays e transgénero, mas ser rapariga/mulher é na verdade negativamente relacionado com atitudes positivas face a lésbicas. Uma das explicações está relacionada com o medo de avanços sexuais indesejados como mostra o estudo de Eliason (1997 citado por Worthen, 2012b). Este medo de avanços sexuais indesejados pode gerar atitudes menos positivas face a gays e homens bissexuais por parte de homens heterossexuais e atitudes menos positivas face a lésbicas e mulheres bissexuais por parte de mulheres heterossexuais, mas não o contrário.

No respeitante à terceira questão de investigação, os resultados deste estudo revelam que os participantes heterossexuais revelam atitudes mais discriminatórias, consideram mais instável e rejeitam mais a bissexualidade feminina e masculina enquanto identidade própria do que participantes bissexuais. Embora estes resultados devam ser lidos com cuidado devido ao reduzido número de participantes que se auto-categorizam como bissexual, esta maior discriminação dos participantes heterossexuais pode ter a ver com o facto de indivíduos heterossexuais considerarem que bissexuais são na realidade lésbicas/gays que têm receio de o admitir, tendo a crença que indivíduos

bissexuais estão a “contaminar” a “pureza” da identidade heterossexual e ainda que é uma deslealdade para com o outro sexo (Roberts et al. 2015).

Tal como encontrado noutras investigações com estudantes universitários (Negy & Eisenman, 2005; Lambert, Ventura, Hall & Cluse-Tolar, 2006), este estudo não encontrou qualquer relação entre a idade dos participantes e atitudes de discriminação face a indivíduos bissexuais.

Já a religiosidade e posicionamento político revelaram ter impacto nas atitudes face à bissexualidade feminina e masculina, tal como verificado por Mohr e Rochlen (1999) em investigações com a escala original Attitudes Regarding Bisexuality Scale.

Relativamente à Posição Política, foi notório que indivíduos que se posicionam mais à direita, revelam atitudes mais discriminatórias face à bissexualidade (feminina e masculina), consideram que é mais instável e rejeitam-nas enquanto identidade, quando comparados com indivíduos que se posicionem no centro ou à esquerda. Diversos estudos mostram a importância das ideologias políticas na discriminação e mostram que posições ideológicas mais liberais estão associadas a atitudes mais positivas face a indivíduos LGBT (e.g. Hopwood & Connors, 2002; Morrison, Speakman & Ryan, 2009; Woodford, Silverschanz, Swank, Scherrer & Raiz, 2012).

Na Posição Religiosa foi possível perceber que indivíduos que se consideram muito religiosos, revelam atitudes mais discriminatórias, consideram mais instável e rejeitam como identidade a bissexualidade (feminina e masculina) do que indivíduos que se consideram pouco e moderadamente religiosos.

As normas de determinados grupos religiosos podem não estar em concordância com indivíduos LGBT, e ser um membro desses grupos pode promover e apoiar os preconceitos individuais (Hopwood & Connors, 2002). Estudos mostram que atitudes negativas face a indivíduos LGBT estão correlacionados com maiores níveis de religiosidade (Herek, 2002; Mohr & Rochlen, 1999; Worthen, 2012a; Lingardi et al., 2015; Correia, 2014; Morais, 2016). Também Worthen (2012a) concluiu que religiosidade, leitura bíblica e assiduidade frequente à igreja são fortemente correlacionados com preconceitos relacionados com LGBT.

Conhecer/Não conhecer parece ser importante na manifestação de atitudes face à bissexualidade feminina e masculina. Com efeito, quem não conhece alguém bissexual, revela atitudes mais discriminatórias face à bissexualidade (masculina e feminina), considera-a mais instável e rejeita-a mais enquanto identidade do que quem conhece

alguém bissexual. O mesmo se verificou no estudo de Bowen e Bourgeois (2001), onde se concluiu que certas variáveis relacionadas com este conhecimento podem levar à redução do preconceito face a indivíduos LGB. Em primeiro lugar, estudantes que mostravam mais contacto pré-universidade avaliaram as suas próprias atitudes face a estudantes LGB e a percepção das atitudes dos seus amigos como mais positivas do que atitudes de outros. Em segundo lugar, independentemente do contacto no passado, estudantes que revelavam ter 1 ou 2 estudantes abertamente LGB nas suas residências ou no piso onde vivem têm atitudes significativamente mais positivas do que estudante que não conheciam ninguém LGB.

Por fim, analisando os resultados inerentes à variável do nível de proximidade podemos perceber que os indivíduos que se consideram pouco próximos de alguém bissexual revelam atitudes mais discriminatórias face à bissexualidade feminina e masculina, consideram a bissexualidade (feminina e masculina) mais instável e rejeitam-nas mais como uma identidade do que participantes que se posicionem como relativamente próximos e muito próximos.

Estes resultados corroboram a “hipótese de contacto” (Allport, 1954), como um fator importante no desenvolvimento e na manutenção do preconceito. O autor coloca a hipótese que quanto maior o contacto entre pessoas com membros de grupos estigmatizados, se o contacto for entre grupos de estatutos iguais, menor o preconceito será. Muitos estudos têm suportado este princípio e mostram que um efeito causal pode ir na direção de quanto mais for o contacto (ou quanto mais próximo) menor é o preconceito. Também na investigação de Heinze e Horn (2009) é percebido que adolescentes que já tenham tido um/a amigo/a lésbica ou gay eram menos prováveis de julgar a homossexualidade como errada, estando mais confortáveis em interagir com indivíduos LG e mais provável de avaliar como errado a exclusão de indivíduos LG em comparação com outros que não tenham este tipo de contacto.

Como exposto anteriormente, os principais resultados neste estudo mostram que a bissexualidade masculina é mais discriminada (atitudes mais negativas) e considerada mais instável do que a bissexualidade feminina. No entanto, a bissexualidade feminina é mais rejeitada enquanto uma identidade do que a bissexualidade masculina.

Estes resultados podem ser explicados tendo em conta os resultados de Yost e Thomas (2012) onde os participantes descrevem a bissexualidade masculina de forma negativa e como inconformidade de género, categorizando-os como “muito gays”, enquanto que participantes descreveram a bissexualidade feminina como positiva, *sexy* e

categorizando-as como na realidade “heterossexuais”. Estes resultados sugerem crenças subjacentes sobre a bissexualidade que contribuem para a binegatividade, particularmente contra a bissexualidade masculina.

Como mulheres heterossexuais não erotizam a sexualidade masculina gay no mesmo grau em que homens heterossexuais erotizam a sexualidade lésbica (Nyberg & Alston, 1977 citado por Yost & Thomas, 2012), a positividade associada à sexualização masculina da sexualidade feminina com o mesmo sexo atenua o que de outro modo seriam atitudes mais negativas em relação às lésbicas.

Assim, os participantes do sexo masculino, heterossexuais, pessoas que se posicionem mais à direita no espectro político, indivíduos que se considerem mais religiosos, pessoas que não conheçam e não sejam próximos de alguém bissexual tendem a ter atitudes mais negativas face à bissexualidade feminina e masculina.

Eliason (2000), usando uma análise de regressão múltipla conseguiu perceber que a falta de amigos bissexuais, ser mais novo, e pertencer a uma religião conservadora são contributos para atitudes negativas face à bissexualidade feminina. Quanto à bissexualidade masculina, são as mesmas variáveis que contribuem para as atitudes negativas, mas também a variável ser do sexo masculino. No presente estudo podemos perceber que variáveis como a religiosidade e o sexo masculino podem ter influência, no entanto o estudo apresenta novos dados relativamente ao conhecimento de alguém bissexual.

8. Conclusões

Os resultados obtidos nesta dissertação são importantes para um conhecimento mais aprofundado de uma questão praticamente desconhecida em Portugal, como é o caso das atitudes face à bissexualidade feminina e masculina. Estes resultados mostram a existência de um duplo padrão de discriminação relativamente à bissexualidade feminina e masculina (bissexualidade masculina é mais discriminada e considerada mais instável; a bissexualidade feminina é mais rejeitada enquanto uma identidade e assim assumida como uma fase de experimentação).

Esta dissertação aparenta ser um dos poucos estudos sobre a bissexualidade realizados em Portugal, assim espera dar uma maior visibilidade a esta temática e também um instrumento com boas qualidade psicométricas que possa ser utilizado com diferentes populações em diferentes realidades.

Olhando para as atitudes face à bissexualidade feminina e masculina podemos observar que ainda que os valores apresentados nesta dissertação digam respeito a níveis mais baixos de atitudes desfavoráveis face à bissexualidade as mesmas ainda estão presentes. Assim, é importante continuar a explorar esta temática e a combater o estigma associado a esta orientação sexual através da desmistificação de opiniões e crenças sobre a bissexualidade. Este trabalho deve não só ser realizado com alunos/estudantes, mas também com professores e auxiliares educativos que contribuem para a educação dos jovens.

Também à temática do binarismo deve ser dada importância no sentido de se continuar a estudar este tópico. Ainda, que já possamos notar algumas mudanças no que diz respeito ao binarismo, a nossa sociedade continua a ver o mundo por divisões binárias. Ou se é rapaz ou rapariga, ou novo ou velho, ou feminino ou masculino, heterossexual ou homossexual e assim também a linguagem existe em função dessas categorias. Essa matriz binária heterossexual cria uma hierarquia entre o masculino e o feminino, que como consequência cria uma ligação causal entre o sexo biológico da pessoa, a identidade de género e a sua demonstração no desejo sexual. Como oposição ao binário, fala-se nas identidades de género subversivas como *drag queen* e *butch/femme*, abalando as categorias do corpo, sexo, género e sexualidade. Por sua vez, já Butler em 1990 apresentava três dimensões: o sexo anatómico, que é distinto do género e estes dois distinguem-se do género de performance. Assim, importa continuar a investigação

sobre a influência da visão binária em aspectos como o sexo, género e orientação sexual.

Os resultados desta investigação remetem ainda para a importância de estas temáticas serem estudadas numa perspetiva de interccionalidade. A noção de interseccionalidades ajuda-nos a “compreender e tratar dos fenómenos sem os considerar como linhas paralelas que não se encontram ou como categorias que se sobrepõem sem serem relacionadas efetivamente” (Adrião, Menezes, Bezerra & Amorim, 2017, pp.178). Psicólogos/as estão cada vez mais preocupados com os efeitos de raça / etnia, género, classe social e sexualidade nos resultados de saúde e bem-estar, identidades pessoais, sociais, visões políticas e participação. No entanto, pouco trabalho considerou como é que essas categorias de identidade, diferença e desvantagem em conjunto são associados com os resultados (Cole, 2009).

Limitações do estudo/ Sugestões para estudos futuros

A primeira limitação, diz respeito à impossibilidade de realização do primeiro estudo pensado, exclusivamente com indivíduos bissexuais, dirigido à compreensão da construção da identidade bissexual relativamente à estabilidade e como a opinião dos/as outros/as poderá ter influência sobre o processo.

Como sugestões para estudos futuros, é sugerido que seja possível desenvolver o primeiro estudo exclusivamente com indivíduos bissexuais, dirigido à compreensão da construção da identidade bissexual relativamente à estabilidade e como a opinião dos/as outros/as poderá ter influência sobre o processo. Parece também importante que sejam estudadas questões relativas à identidade bissexual, nomeadamente a construção e os modelos de identidade bissexual. Nesta dissertação são apresentados dois modelos de identidade sendo que estes devem ser testados empiricamente como referido por Brown (2002).

Uma outra limitação deste estudo foi o reduzido número de indivíduos bissexuais e homossexuais presentes na amostra, o que dificultou a possibilidade de comparações de atitudes face à bissexualidade feminina e masculina.

Outra sugestão poderia ter por base uma das limitações apresentadas na dissertação, numa tentativa de conhecer as diferenças de opiniões em indivíduos que conheçam bissexuais (homens e/ou mulheres) em junção com o

grau de proximidade, sendo que neste estudo não se pode realizar pelo tamanho reduzido da amostra.

Seria ainda, importante, desenvolver/replicar este estudo com outras populações não universitárias e de outras faixas etárias, para uma possível visão mais global de atitudes face à bissexualidade.

Implicações para a intervenção/prática

Este estudo, além de dar resposta a várias questões relacionadas com a opinião de indivíduos face à bissexualidade feminina e masculina, é um estudo que aborda conceitos e perspetivas teóricas úteis para a compreensão da temática da bissexualidade. Sendo o contexto Universitário um contexto fulcral no desenvolvimento da identidade humana é importante que instituições promovam a autonomia, a liberdade e a autenticidade. Neste sentido é importante combater a discriminação face a orientações sexuais não normativas. Perceber as atitudes de estudantes universitários face a indivíduos gays, lésbicas e bissexuais bem como face ao seu estilo de vida, é crítico para afetar um ambiente mais positivo para gays, lésbicas e bissexuais nos vários contextos universitários (Hinrichs & Rosenberg, 2002).

A utilização do Questionário de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina e Masculina enquanto instrumento, pode ter uma utilidade na prática da psicologia no sentido em que, pode ser uma ferramenta útil para a compreensão de atitudes face à bissexualidade e por sua vez facilitar uma intervenção mais adequada a cada realidade.

Tendo em conta, a distribuição da população neste estudo pelas diversas áreas de estudos é importante refletir sobre a possibilidade de formar para a igualdade e para a não discriminação da orientação sexual. Assim, futuros profissionais de diversas áreas de estudo estarão equipados de ferramentas para a não discriminação no dia-a-dia como indivíduos e como profissionais. Tal como Gato e Fontaine (2012) afirmam deve ainda ser reforçada a necessidade de sensibilizar e formar profissionais de áreas sociais, educativas e da saúde, entre outras, para questões relacionadas com atitudes face à diversidade sexual.

Desta forma, certas recomendações devem ser tidas em conta, no trabalho de psicólogos escolares. McCabe (2014) apresenta uma checklist de ideias e recomendações para os profissionais, designadamente: a) devem ser exploradas as políticas não-discriminatórias da escola. Políticas abrangentes são aquelas em que a orientação sexual e a expressão de género são especificamente enumeradas como classes protegidas; b) Psicólogos escolares devem continuar a procurar desenvolvimento profissional, conhecimento de problemas LGBTQ e estratégias de intervenção que reflitam as necessidades atuais de jovens, funcionários e famílias LGBTQ; c) Trazer especialistas nas temáticas LGBTQ para a escola com o intuito de educar professores, a administração e auxiliares da escola; d) Trabalhar com professores e as direções da escola para a mudança de currículos onde sejam incluídos temas LGBTQ nos tópicos de sala de aula e desenvolver grupos de suporte LGBTQ para alunos e famílias.

Um tema que esta dissertação toca em particular é a associação entre a bissexualidade e não monogamia, o que parece ser um dos estereótipos mais frequentes sobre a bissexualidade. Parece-me de grande importância que esta questão seja retratada e desmistificada no sentido em que profissionais como Psicólogos, Médicos e/ou Professores evitem fazer julgamentos baseados nestes estereótipos.

Tendo em conta todos os aspetos mencionados e numa tentativa para dissipar preconceitos sobre a bissexualidade, foi desenvolvida uma campanha intitulada #StillBisexual que trabalha para enfatizar como a bissexualidade é muitas vezes julgada em contextos sociais que privilegiam identidades monossexuais (homossexuais e heterossexuais) ao mesmo tempo que descartam e oprimem o leque de identidades bissexuais. Um dos principais objetivos da campanha #StillBisexual é utilizar as histórias de pessoas bissexuais para dismantelar estereótipos sobre bissexualidade (#StillBisexual 2016). Embora o foco da campanha seja criar conhecimento e conscientização para a comunidade maior, as narrativas dos participantes refletiram resultados positivos para a comunidade bissexual como resultado da participação na campanha. De acordo com o site da campanha, os vídeos #StillBisexual podem ajudar a facilitar a aceitação de indivíduos que talvez não conheçam outros indivíduos bissexuais ou que não façam parte de uma comunidade bissexual (#StillBisexual 2016). Desta forma, a campanha #StillBisexual serve tanto para reforçar o senso de comunidade entre indivíduos bissexuais, como também para construir e expandir esse senso de comunidade (Gonzalez, Ramirez & Galupo, 2017).

Referências

- Adrião, K. G., Menezes, J., Bezerra, E. & Amorim, R. (2017) Circuitos Integrados? Intersecções de gênero, sexualidade e geração nas vivências afetivo sexuais de um jovem e sua rede de convívio no nordeste do Brasil In J. M. Oliveira & L. Amâncio (Eds.) *Gêneros e Sexualidades: Interseções e Tangentes* (pp. 175 – 190). Lisboa: Centro de Investigação e de Intervenção Social (CIS IUL).
- Almeida, J., & Carvalheira, A. A. (2007). Flutuações e diferenças de gênero no desenvolvimento da orientação sexual: Perspectivas teóricas. *Análise Psicológica*, 343-350.
- American Psychological Association (2012). Guidelines for psychological practice with lesbian, gay, and bisexual clients. *American Psychologist*, 67, 10–42. Doi: 10.1037/a0024659.
- American Psychological Association (2015). *Key Terms and Concepts in Understanding Gender Diversity and Sexual Orientation Among Students*. American Psychology Association, Divisions 16 and 44.
- Anderson, E., & McCormack, M. (2016). *The changing dynamics of bisexual men's lives: Social research perspectives*. New York, NY: Springer.
- Allport, G. W. (1954). *The Nature of Prejudice*. Cambridge, MA: Addison-Wesley.
- Ault, A. (1999). Ambiguous identity in an unambiguous sex/gender structure: The case of bisexual women. In M. Storr (Ed.), *Bisexuality: A critical reader* (pp. 167–186). London, UK: Routledge.
- Bailey, J. M., Vasey, P. L., Diamond, L. M., Breedlove, S. M., Vilain, E., & Epprecht, M. (2016). Sexual orientation, controversy, and science. *Psychological Science in the Public Interest*, 17(2), 45-101. Doi: 10.1177/1529100616637616.
- Barker, M., & Langdrige, D. (2008). II. Bisexuality: Working with a silenced sexuality. *Feminism & Psychology*, 18(3), 389-394. Doi: 10.1177/0959353508092093.
- Barker, M., Richards, C., Jones, R., Bowes-Catton, H., Plowman, T., Yockney, J., & Morgan, M. (2012). *The bisexuality report*. Milton Keynes: The Open University.

- Bauer, G. R., & Brennan, D. J. (2013). The problem with 'Behavioral bisexuality': Assessing sexual orientation in survey research. *Journal of Bisexuality*, 13(2), 148-165. Doi: 10.1080/15299716.2013.782260.
- Bereket, T., & Brayton, J. (2008). "Bi" NO Means: Bisexuality and the Influence of Binarism on Identity. *Journal of Bisexuality*, 8(1-2), 51-61. Doi: 10.1080/15299710802142234.
- Bilodeau, B. L., & Renn, K. A. (2005). Analysis of LGBT identity development models and implications for practice. *New directions for student services*, 2005(111), 25-39. Doi: 10.1002/ss.171.
- Bota, P. H. C. (2017). *Evolução e configuração atual do preconceito face a lésbicas e a gays: Um estudo comparativo*. (Dissertação de Mestrado, Não Publicado). Évora.
- Bowen, A. M., & Bourgeois, M. J. (2001). Attitudes toward lesbian, gay, and bisexual college students: The contribution of pluralistic ignorance, dynamic social impact, and contact theories. *Journal of american college health*, 50(2), 91-96. Doi: 10.1080/07448480109596012.
- Bradford, M. (2004). The bisexual experience: Living in a dichotomous culture. *Journal of Bisexuality*, 4(1-2), 7-23. Doi: 10.1300/j159v04n01_02.
- Brewster, M. E. (2008). *Perceived anti-bisexual prejudice experiences of bisexual individuals: Scale development and evaluation* (Doctoral dissertation, Unpublished). University of Florida. Retirado de: <http://ufdc.ufl.edu/UFE0022157/00001>
- Brewster, M. E., & Moradi, B. (2010). Perceived experiences of anti-bisexual prejudice: Instrument development and evaluation, *Journal of Counseling Psychology*, 57(4), 451-468. Doi: 10.1037/a0021116.
- Brown, T. (2002). A proposed model of bisexual identity development that elaborates on experiential differences of women and men. *Journal of Bisexuality*, 1, 69-91. Doi: 10.1300/j159v02n04_05.
- Butler, J. (1990). *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

- Cass, V. C. (1996). Sexual Orientation identity formation: A Western phenomenon. In R. P. Cabaj & T. S. Stein (Eds.), *Textbook of homosexuality and mental health*, (pp. 227-251). Washington, DC: American Psychiatric Press.
- Cass, V. C. (1990). The implications of homosexuality identity formation for the Kinsey Model and Scale for Sexual Preference. In D. P. McWhirter, S. A. Sanders, & J. M. Reinisch (Eds.), *Homosexuality/heterosexuality: Concepts of sexual orientation*, (pp. 239-266). New York: Oxford University Press.
- Chickering, A. & Reisser, L. (1993). The seven vectors: An overview. Retirado de: <http://faculty.winthrop.edu/fullerb/QEP/7%20vectors%20of%20development.pdf>.
- Cole, E. R. (2009). Intersectionality and research in psychology. *American psychologist*, 64(3), 170. Doi: 10.1037/a0014564.
- Conley, T. D., Ziegler, A., Moors, A. C., Matsick, J. L., & Valentine, B. A. (2013). A critical examination of popular assumptions about the benefits and outcomes of monogamous relationships. *Personality and Social Psychology Review*, 17(2), 124-141.
- Correia, R. I. B. (2014). *Identidade e Gestão da Visibilidade em jovens Gays, Lésbicas e Bissexuais*. (Dissertação de Mestrado, Não Publicada). Évora.
- Costa, C. G., Oliveira, J. M., & Nogueira, C. (2010). Os discursos das pessoas LGBT. In C. Nogueira & J. M. Oliveira (Eds.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 211-241.
- Diamond, L. M. (2008). *Sexual fluidity: Understanding woman's love and desire*, MA: Harvard University Press.
- Diamond, L. M. (2015). Sexual fluidity. In P. Whelehan & A. Bolin (Eds.), *The International Encyclopedia of human sexuality*. Malden, Oxford: Wiley-Blackwell.
- Dingle (2015). New Study Says One in Three Millennials identify as Bisexual. *Pride*. Disponível em: www.pride.com/news/2015/08/30/new-study-says-one-three-millennials-identify-bisexual. (Acedido a: 10/03/2018).
- Dovidio, J. F., & Gaertner, S. L. (2000). Aversive racism and selection decisions: 1989 and 1999. *Psychological Science*, 11(4), 315-319. Doi: 10.1111/1467-9280.00262.

- Drucker, D. J. (2012). Marking sexuality from 0–6: the Kinsey scale in online culture. *Sexuality & Culture*, 16(3), 241-262. Doi: 10.1007/s12119-011-9122-1.
- Duffin, T. P. (2016). The lowdown on the down low: why some bisexually active men choose to self-identify as straight. *Journal of bisexuality*, 16(4), 484-506. Doi: 10.1080/15299716.2016.1252301.
- Elia, J. P. (2010). Bisexuality and school culture: School as a prime site for bi-intervention. *Journal of Bisexuality*, 10(4), 452-471. Doi: 10.1080/15299716.2010.521060.
- Elliason, M. (2000). Bi-negativity: The stigma facing bisexual men. *Journal of bisexuality*, 1(2-3), 197-154. Doi: 10.1300/j159v01n02_05.
- Evans, T. (2003). Bisexuality: Negotiating lives between two cultures. *Journal of bisexuality*, 3(2), 91-108. Doi: 10.1300/j159v03n02_06.
- Falco, K. L. (2013). *Psychotherapy with lesbian clients: Theory into practice*. New York: Brunner/Mazel.
- Fantus, S. (2013). The dichotomy of sexuality: A narrative-epistemological framework for social work practice and research. *Critical Social Work*, 14(2), 99-113.
- Fassinger, R. E., & Miller, B. A. (1997). Validation of an Inclusive Model of Sexual Minority Identity Formation on a Sample of Gay Men. *Journal of Homosexuality*, 32(2), 53-78. Doi: 10.1300/J082v32n02_04.
- Feinstein, B. A., & Dyar, C. (2017). Bisexuality, Minority Stress, and Health. *Current Sexual Health Reports*, 9(1), 42-49. Doi: 10.1007/s11930-017-0096-3.
- Feinstein, B. A., Dyar, C., Bhatia, V., Latack, J. A., & Davila, J. (2015). Conservative beliefs, attitudes toward bisexuality, and willingness to engage in romantic and sexual activities with a bisexual partner. *Archives of sexual behavior*, 45(6), 1535-1550. Doi: 10.1007/s10508-015-0642-x.
- Flanders, E. C. (2016). Bisexuality, social identity, and well-being: An exploratory study. *Sexualities*, 19(5-6), 497-516. Doi: 10.1177/1363460715609093.
- Flanders, E. C. (2017). Under the Bisexual Umbrella: Diversity of Identity and Experience, *Journal of Bisexuality*, (17)1, 1-6. Doi: 10.1080/15299716.2017.1297145.

- Floyd, F. J., & Stein, T. S. (2002). Sexual orientation identity formation among gay, lesbian, and bisexual youths: Multiple patterns of milestone experiences. *Journal of Research on Adolescence*, 12(2), 167-191. Doi: 10.1111/1532-7795.00030.
- Friedman, M. R., Dodge, B., Schick, V., Herbenick, D., Hubach, R. D., Bowling, J., ... & Reece, M. (2014). From bias to bisexual health disparities: Attitudes toward bisexual men and women in the United States. *LGBT health*, 1(4), 309-318. Doi: 10.1089/lgbt.2014.0005.
- Galupo, M. P. (2011). Bisexuality: Complicating and conceptualizing sexual identity. *Journal of bisexuality*, 11(4), 545-549. Doi: 10.1080/15299716.2011.620866.
- Garnets, L., & Kimmel, D. (Eds.). (2003). *Psychological perspectives on lesbian, gay, and bisexual experiences*. New York, NY: Columbia University Press.
- Gates, G. J. (2011). *How many people are lesbian, gay, bisexual and transgender?* Los Angeles. The Williams Institute.
- Gato, J., Fontaine, A. M. (2012). Atitudes face à diversidade sexual no contexto psicossocial, jurídico, da saúde e educativo. *Exedra*, 6, 81-103.
- Gonzalez, K. A., Ramirez, J. L., & Galupo, M. P. (2017). "I was and still am": Narratives of Bisexual Marking in the# StillBisexual Campaign. *Sexuality & Culture*, 21(2), 493-515. Doi: 10.1007/s12119-016-9401-y.
- Hansen, G. L. (1982). Measuring prejudice against homosexuality (homosexism) among college students: A new scale. *The Journal of Social Psychology*, 117, 233-236. Doi: 10.1080/00224545.1982.9713432.
- Haritaworn, J., Lin, C., & Klesse, C. (2006). Poly/logue: A critical introduction to polyamory. *Sexualities*, 9(5), 515-529. Doi: 10.1177/1363460706069963.
- Hartman, J. E. (2013). Creating a bisexual display: Making bisexuality visible. *Journal of Bisexuality*, 13(1), 39-62. Doi: 10.1080/15299716.2013.755727.
- Hartman-Linck, J. E. (2014). Keeping bisexuality alive: Maintaining bisexual visibility in monogamous relationships. *Journal of Bisexuality*, 14(2), 177-193. Doi: 10.1080/15299716.2014.903220.
- Hayfield, N. (2016) Bisexualities. In: A. Goldberg, (Ed.), *The Sage Encyclopedia of LGBTQ Studies* (pp. 128-131). Longon: Sage Publications Ltd.

- Heinze, J. E., & Horn, S. S. (2009). Intergroup contact and beliefs about homosexuality in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 38(7), 937-951. Doi: 10.1007/s10964-009-9408-x.
- Helms, J. L., & Waters, A. M. (2016). Attitudes toward bisexual men and women. *Journal of Bisexuality*, 16(4), 454-467. Doi: 10.1080/15299716.2016.1242104.
- Henderson, A. F. (1984). Homosexuality in the college years: Developmental differences between men and women. *Journal of American College Health*, 32(5), 216-219. Doi: 10.1080/07448481.1984.10392810.
- Herbenick, D., Reece, M., Schick, V., Sanders, S. A., Dodge, B., & Fortenberry, J. D. (2010). Sexual behavior in the United States: results from a national probability sample of men and women ages 14–94. *The journal of sexual medicine*, 7(5), 255-265. Doi: 10.1111/j.1743-6109.2010.02012.x.
- Herek, G. M. (1988). Heterosexuals' attitudes toward lesbians and gay men: Correlates and gender differences. *The Journal of Sex Research*, 25, 451-477. Doi: 10.1080/00224498809551476.
- Herek, G. M. (1990). The context of anti-gay violence: Notes on cultural and psychological heterosexism. *Journal of interpersonal violence*, 5(3), 316-333. Doi: 10.1177/088626090005003006.
- Herek, G. M. (2002). Heterosexuals' attitudes toward bisexual men and women in the United States. *The Journal of Sex Research*, 39(4), 264-274. Doi: 10.1080/00224490209552150.
- Hinrichs, D. W., & Rosenberg, P. J. (2002). Attitudes toward gay, lesbian, and bisexual persons among heterosexual liberal arts college students. *Journal of homosexuality*, 43(1), 61-84. Doi: 10.1300/j082v43n01_04.
- Hopwood, M., & Connors, J. (2002). Heterosexual attitudes to homosexuality: Homophobia at a rural Australian university. *Journal of gay and lesbian social services*, 14(2), 79-94. Doi: 10.1300/j041v14n02_07.
- Howell, D. C. (2010). *Statistical methods for psychology* (8th ed.). Belmont, CA: Wadsworth, Cengage Learning.
- Isay, R. (1989). *Being homosexual: Gay men and their development*. New York: Farrar, Straus, Giroux.

- Jamieson, L. (2004). Intimacy negotiated non-monogamy and the limits of the carple. In J. Duncombe, K. Harrison, G. Allan & D. Marsden (Eds.) *The state of affairs: Explorations in infidelity and commitment* (pp. 35-37). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Katz-Wise, S. L., & Hyde, J. S. (2015). Sexual fluidity and related attitudes and beliefs among young adults with a same-gender orientation. *Archives of sexual behavior*, 44(5), 1459-1470. Doi: 10.1007/s10508-014-0420-1.
- Kinnish, K. K., Strassberg, D. S., & Turner, C. W. (2005). Sex differences in the flexibility of sexual orientation: A multidimensional retrospective assessment. *Archives of sexual behavior*, 34(2), 173-183. Doi: 10.1007/s10508-005-1795-9.
- Kinsey Institute Indiana University (sd). *The Kinsey Scale*. Kinsey Institute. Retirado de: <https://www.kinseyinstitute.org/research/publications/kinsey-scale.php>. (Acedido a 10 de Outubro de 2017).
- Kitzinger, C. (2005). Heteronormativity in action: Reproducing the heterossexual nuclear family in after-hours medical calls. *Social problems*, 52(4), 477-498. Doi: 10.1525/sp.2005.52.4.477.
- Klein, N. A., & Dudley, M. G. (2014). Impediments to academic performance of bisexual college students. *Journal of American College Health*, 62(6), 399-406. Doi: 10.1080/07448481.2014.917653.
- Klesse, C. (2006). Polyamory and its 'others': Contesting the terms of non-monogamy. *Sexualities*, 9(5), 565-583. Doi: 10.1177/1363460706069986.
- Klesse, C. (2011). Shady characters, untrustworthy partners, and promiscuous sluts: Creating bisexual intimacies in the face of heteronormativity and biphobia. *Journal of Bisexuality*, 11(2-3), 227-244. Doi: 10.1080/15299716.2011.571987.
- Krolikowski, A. (2011). *The influence of subtle and blatant prejudice on group identity. The Spectrum: A Scholars Day Journal*, 1, 1-47. Retirado de : http://digitalcommons.brockport.edu/spectrum/vol1/iss1/5/?utm_source=digitalcommons.brockport.edu%2Fspectrum%2Fvol1%2Fiss1%2F5&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages].

- Lambert, E. G., Ventura, L. A., Hall, D. E., & Cluse-Tolar, T. (2006). College students' views on gay and lesbian issues: Does education make a difference? *Journal of Homosexuality*, 50(4), 1-30. Doi: 10.1300/j082v50n04_01.
- Larrosa, L. L., & Butner, B. (2000). *Chickening's seven vectors of student development explained*. Unpublished paper. Texas Tech University. Retirado de: <http://www.kvccdocs.com/KVCC/2013-Spring/FY125-OLA/content/L-17/Chickering-Vectors-Explained.pdf> (Acedido a: 20 de Setembro de 2017).
- Larsen, K. S., Cate, R., & Reed, M. (1983). Anti-black attitudes, religious orthodoxy, permissiveness, and sexual information: A study of the attitudes of heterosexuals toward homosexuality. *Journal of Sex Research*, 19(2), 105-118. Doi: 10.1080/00224498309551173.
- Lobo, M. C. (2018). "Por onde vai o PSD". *Expresso*. Retirado de: expresso.sapo.pt/politica/2018-02-04-Por-onde-vai-o-PSD. (Acedido a: 05/02/18).
- Louderback, L. A., & Whitley, B. E. (1997). Perceived erotic value of homosexuality and sex-role attitudes as mediators of sex differences in heterosexual college students' attitudes toward lesbians and gay men. *Journal of Sex Research*, 34(2), 175-182. Doi: 10.1080/00224499709551882.
- Laumann, E. O., Gagnon, J. H., Michael, R. T., & Michaels, S. (1994). *The social organization of sexuality: Sexual practices in the United States*. Chicago: University of Chicago Press
- Lingardi, V., Nardelli, N., Ioverno, S., Chiacchio, C., Tanzilli, A., & Baiocco, R. (2015). Homonegativity in Italy: cultural issues, personality characteristics, and demographic correlates with negative attitudes toward lesbian and gay men. *Sexuality Research and Social Policy*, 13(2), 95-100. Doi: 10.1007/S13178-015-0197-6.
- Lucal, B. (2008). Building boxes and policing boundaries: (De) constructing intersexuality, transgender and bisexuality. *Sociology Compass*, 2(2), 519-536. Doi: 10.1111/j.1751-9020-2008.00099.x.
- Ludovico, B. S., França, R., Schwantes, V. H. H., Graciotto, W. H., & Gonçalves, D. A. (2015). Poligamia e Bigamia. *Jornada de Iniciação Científica e Extensão Universitária*, 3(3).

- MacDowall, L. (2009). Historicising contemporary bisexuality. *Journal of bisexuality*, 9(1), 3-15. Doi: 10.1080/1529710802659989.
- Malierpoor, E. (2017). Bisexuality in Netherlands: Connecting bisexual passing, communities, and identities. *Journal of bisexuality*, 17(3), 325-348. Doi: 10.1080/15299716.2017.1342214.
- Marôco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS Statistics*. Lisboa: ReportNumber, Lda.
- Marques, F. M. O., Pavoni, M.S., Cavichio, S. A., & Almeida, M. R. (2014). As faces da bissexualidade na sociedade contemporânea. *Revista Científica do Unisaesiano*, 10, 105-120.
- Matsick, J. L., Conley, T. D., Ziegler, A., Moors, A C., & Rubin, J. D. (2014). Love and sex: polyamorous relationships are perceived more favourably than swinging and open relationships, *Psychology & Sexuality*, 5:4, 339-348. Doi: 10.1080/19419899.2013.832934.
- Matsuda, W. T., Rouse, S. V., & Miller-Perrin, C. L. (2014). Validation of the Attitudes Regarding Bisexuality Scale: Correlations with ratings of a positive media image of bisexual men and women. *Journal of Bisexuality*, 14(2), 265-276. Doi: 10.1080/15299716.2014.903219.
- McConaghy, N. (1987). Heterosexuality/homosexuality: Dichotomy or continuum. *Archives of sexual behavior*, 16(5), 411-424. Doi: 10.1007/BF01541423.
- McConaghy, N. (1999). Unresolved issues in scientific sexology. *Archives of sexual behavior*, 28(4), 285-318.
- McCabe, P. C. (2014). The R (ally) Cry: School Psychologists as Allies and Advocates for the LGBTQ Community. In *School Psychology Forum*, 8 (1).
- McLean, K. (2004). Negotiating (non) monogamy: Bisexuality and intimate relationships. *Journal of Bisexuality*, 4(1-2), 83-97. Doi: 10.1300/j159v04n01.07.
- Meyer, M. D. E. (2003). Looking toward the interSEXions: Examining bisexual and transgender identity formation from a dialectical theoretical perspective. *Journal of Bisexuality*, 3(3-4), 151-170. Doi: 10.1300/j159v03n03.11.

- Meyer, M. D. E. (2005). Drawing the sexuality card: teaching, researching, and living bisexuality. *Sexuality & Culture*, (9)1, .3-13. Doi: 10.1007/BF02908759.
- Meyer, M. D. E. (2010). Representing bisexuality on television: The case for intersectional hybrids. *Journal of Bisexuality*, 10(4), 366-387. Doi: 10.1080/15299716.2010.521040.
- Mohr, J. J., & Rochlen, A. B. (1999). Measuring attitudes regarding bisexuality in lesbian, gay male, and heterosexual populations. *Journal of Counseling Psychology*, 46(3), 353. Doi: 10.1037/0022-0167.46.3.353.
- Moleiro, C., Pinto, N., & Pereira, H. (2012). Saúde e bem-estar individual, familiar e social de pessoas LGBT. *Psicologia*, 26(1), 7-15.
- Monro, S. (2015). *Bisexuality: Identities, politics, and theories*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Monro, S., Hines, S., & Osborne, A. (2017). Is bisexuality invisible? A review of sexualities scholarship 1970–2015. *The Sociological Review*, 65(4), 1-19. Doi: 10.1177/0038026117695488.
- Moore, D. L. & Norris, F. H. (2005). Empirical investigation of the conflict and flexibility models of bisexuality. *Journal of Bisexuality*, 5(1), 5-25. Doi: 10.1300/J159v05n01_02.
- Morais, A. L. S. (2016). *Gestão da Visibilidade LGB no Contexto do Ensino Superior*. (Dissertação de Mestrado, Não Publicada). Évora.
- Morgan, E. M., & Davis-Delano, L. R., (2016). Heterosexual marking and binary cultural conceptions of sexual orientation. *Journal of Bisexuality*, 16(2) 1-19. Doi: 10.1080/15299716.2015.1113906.
- Morrison, T. G., Speakman, C., & Ryan, T. A. (2009). Irish university students' support for the human rights of lesbian women and gay men. *Journal of Homosexuality*, 56(3), 387-400. Doi: 10.1080/00918360902728871.
- Moss, A. R. (2012). Alternative families, alternative lives: Married women doing bisexuality. *Journal of GLBT Family Studies*, 8(5), 405-427. Doi: 10.1080/1550428x.2012.729946.
- Negy, C., & Eisenman, R. (2005). A comparison of American and white college students' affective and attitudinal reactions to lesbian, gay and bisexual individuals: An

- exploratory study. *The Journal of Sex Research*, 42(4), 291-298. Doi: 10.1080/00224490509552284.
- Nöel, M. J. (2006) Progressive polyamory: Issues of diversity. *Sexualities*, 9, 602-620. Doi: 10.1177/1363460706070003.
- Oliveira, J. M. (2010). Orientação Sexual e Identidade de Género na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer. In C. Nogueira; J. M. Oliveira; M. V. Almeida; C. G. Costa; L. Rodrigues & M. Pereira. (Eds.) *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 19-44). Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Oswalt, S. B., & Wyatt, T. J. (2011). Sexual orientation and differences in mental health, stress, and academic performance in a national sample of US college students. *Journal of Homosexuality*, 58(9), 1255-1280. Doi: 10.1080/00918369.2011.605738.
- Owen, M. K. (2003). Overstepping the bounds: Bisexuality, gender, and sociology. *Journal of Bisexuality*, 3(2), 29-39. Doi: 10.1300/j159v03n02_03.
- Pallant, J. (2013). *SPSS survival manual*. Australia: Allen & Unwin.
- Paul, J. P. (1985). Bisexuality: Reassessing our paradigms of sexuality. *Journal of Homosexuality*, 11(1-2), 21-34. Doi: 10.1300/j082v11n01_03.
- Paul, R., Smith, N. G., Mohr, J. J., & Ross, L. E. (2014). Measuring dimensions of bisexual identity: Initial development of the Bisexual Identity Inventory. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 1(4), 452. Doi: 10.1037/sgd0000069.
- Pereira, S. S., Becker, S., & Gardiner, G. (2017). Sensitive sexualities: dichotomised discourse in the erasure of bisexuality. *Psychology & Sexuality*, 8(1-2), 118-131. Doi: 10.1080/19419899.2016.1255245.
- Pasquali, L. (2011). *Psicometria: Teoria dos testes na Psicologia e na Educação* (4ª Ed.). Petrópolis: Vozes.
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2008). *Análise de Dados para Ciências Sociais: A Complementaridade do SPSS* (5 ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Plante (2006) *Sexualities in context*. Boulder, CO: Westview Press.

- Roberts, T. S., Horne, S. G., & Hoyt, W. T. (2015). Between a gay and a straight place: Bisexual individuals' experiences with monosexism. *Journal of Bisexuality*, 15(4), 554-569. Doi: 10.1080/15299716.2015.1111183.
- Rodríguez, J. M. (2016). Queer Politics, bisexual Erasure. Sexuality at the Nexus of Race, Gender, and Statistics. *Lambda Nordica*, (1-2), 169-182.
- Rust, R. P. C. (2000). Bisexuality: A contemporary paradox for women. *Journal of Social Issues*, 56(2), 205-221. Doi: 10.1111/0022-4537.00161.
- Savin-Williams, R. C. (2005). *The new gay teenager*. Cambridge, MA: Harvard University Press
- Savin-Williams, R. C. (2016). Sexual Orientation: Categories or Continuum? Commentary on Bailey et al. (2016). *Psychological Science in the Public Interest*, 17(2), 37-44. Doi: 10.1177/1529100616637618.
- Sears, J. T. (1989). The impact of gender and race on growing up lesbian and gay in the South. *NWSA Journal*, 1(3), 422-457.
- Seffner, F. (2016). *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. Jundiaí: Paco Editorial.
- Seidman, S., Fischer, N., & Meeks, C. (2011). *Introducing the New Sexuality Studies* 2nd Edition. New York, NY: Routledge.
- Sinnott, J.D. (2016). Introduction to the special issue on aging and bisexuality: Can these complex life patterns be an impetus for identity flexibility and growth?, *Journal of Bisexuality*, 16(1), 3-19. Doi: 10.1080/15299716.2016.1145992.
- Storms, M. D. (1980). Theories of sexual orientation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38(5), 783. Doi: 10.1037/0022-3514.38.5.783.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics*. Boston, MA: Allyn & Bacon/Pearson Education.
- Weinberg, M. S., Williams, C. J., & Pryor, D. W. (1994). *Dual attraction: Understanding bisexuality*. New York: Oxford University Press.
- Wengraf, T. (2004). The biographic-narrative interpretive method (BNIM) – Shortguide. Disponível através de tom@tomwengraf.com.

- Woodford, M. R., Silverschanz, P., Swank, E., Scherrer, K. S. & Raiz, L. (2012). Predictors of heterosexual college students' attitudes toward LGBT people. *Journal of LGBT Youth*, 9(4), 297-320. Doi: 10.1080/19361653.2012.716697.
- Worthen, M. G. (2012a). Heterosexual college student sexual experiences, feminist identity, and attitudes toward LGBT individuals. *Journal of LGBT Youth*, 9(2), 77-113. Doi: 10.1080/19361653.2012.649613.
- Worthen, M. G. (2012b). Understanding college student attitudes toward LGBT individuals. *Sociological Focus*, 45(4), 285-305. Doi: 10.1080/00380237.2012.712857.
- Worthington, R. L., & Whittaker, T. A. (2006). Scale development research: A content analysis and recommendations for best practices. *The Counseling Psychologist*, 34(6), 806-838. Doi: 10.1177/0011000006288127.
- Yoshino, K. (2000). The epistemic contract of bisexual erasure. *Stanford Law Review*, 353-461. Doi: 10.2307/1229482.
- Yost, M., & Thomas, G. (2012) Gender and binegativity: Men's and women's attitudes toward male and female bisexuals. *Arch Sex Behav*, 41, 691-702. Doi: 10.1007/s10508-011-9767-8.
- Zinik, G. (1985). Identity conflict or adaptive flexibility? Bisexuality reconsidered. *Journal of Homosexuality*, 11(1-2), 7-20. Doi: 10.1300/j082v11n01_2.

Anexos

Anexo 1. Autorização do uso da Escala

December 11, 2011

Dear Researcher,

Thank you for your interest in the Attitudes Regarding Bisexuality Scale. The three versions of the scale were published in a scientific journal for use in the public domain. You do not need to contact any of the authors for permission to use these scales in noncommercial research. You may *not* use the scales for commercial purposes without permission.

The following pages contain the scale itself, as well as basic information about the scale. Please note that one of the scale items was incorrectly printed in the published scale development study. The correct information is presented in the attached pages, as well as in a published erratum.

If you have questions or concerns about the scale that are not addressed in these pages, then feel free to contact me using the contact information below. Best wishes with your research!

Sincerely,



Assistant Professor
Counseling Psychology Program
Department of Psychology
Biology-Psychology Building
University of Maryland
College Park, MD 20742-4411

Office phone: [301-405-5907](tel:301-405-5907)

Fax: [301-314-5966](tel:301-314-5966)

Email: jmohr@umd.edu

Anexo 2. Consentimento informado

Declaração de Consentimento Informado

Eu, _____, declaro ter sido informado/a sobre o estudo desenvolvido no âmbito do Mestrado em Psicologia, especialização em Psicologia da Educação, da Escola de Ciências Sociais na Universidade de Évora, no qual se pretende recolher informações, experiências e vivências acerca das questões associadas com a bissexualidade. Fui convidado/a a participar no projeto de Mestrado da Joana Almoater Alberto que se intitula, “Bissexualidade(s): Crenças e Opiniões”, sob a orientação da professora Maria Madalena Melo e do professor João M. Oliveira.

Declaro, ainda, ter sido informado/a que o referido estudo se trata de um elemento meramente académico, enquadrando-se no âmbito de uma investigação em desenvolvimento com a finalidade de produzir uma dissertação.

Mais fui informado/a que todos os dados e esclarecimentos recolhidos são estritamente confidenciais, estando garantido o seu sigilo e anonimato, pelo que serão apenas usados para fins de investigação científica, de acordo com as Leis de Proteção de Dados de Portugal (Decreto-Lei nº 67/98 de 26 de Setembro).

Foram-se prestadas todas as informações relacionadas com os objetivos e procedimentos do estudo, e todas as minhas dúvidas foram esclarecidas. Além disso, fui informado/a de que tenho o direito de recusar, em qualquer altura, a minha participação neste estudo. Fui ainda informado/a de que terei acesso a todas as publicações resultantes do projeto e que se relacionem com a minha colaboração no mesmo.

Nos termos expostos e encontrando-me consciente dos objetivos do estudo e da entrevista, declaro expressamente autorizar o registo áudio da mesma, por forma a permitir a sua posterior análise e interpretação de conclusões. Aceito, também, que as minhas respostas sejam posteriormente utilizadas para publicação científica.

É possível contactar a investigadora Joana Almoater Alberto através do correio eletrónico _____ para esclarecimento de questões associadas com a investigação.

Local:

Data:

Investigadora:

Participante:

Caso deseje ter acesso a todas as publicações resultantes do projeto e que se relacionem com a sua colaboração preencha com o seu correio eletrónico:

_____@_____.

Anexo 3.

Questionário de Atitudes face à Bissexualidade Feminina e Masculina

Questionário de Atitudes face à Bissexualidade Feminina e Masculina

Este estudo insere-se numa investigação no âmbito do Mestrado em Psicologia da Educação da Universidade de Évora sobre a temática da bissexualidade sendo dirigido a estudantes do Ensino Superior. Gostaria que respondesse a dois questionários de opinião sobre a bissexualidade, um relativo à bissexualidade feminina e outro relativo à bissexualidade masculina. Não existem respostas certas ou erradas, o que se pretende é simplesmente obter a sua opinião pessoal. É importante que responda a todas as questões. Pedimos que, no final, **confira as suas respostas**.

Os dados recolhidos são confidenciais e anónimos, exclusivamente utilizados para análise estatística, no contexto do objeto de estudo.

OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!

Questionário Sociodemográfico

- 1) Idade: _____ 2) Sexo: Masculino Feminino Outro
- 3) Orientação Sexual: Heterossexual Bissexual Gay/Lésbica Não sei Outro: _____
- 4) Instituição de Ensino Superior: _____
- 5) Curso que frequenta: _____
- 6) Ciclo de estudos atual: Licenciatura Mestrado
- 7) Trabalhador estudante: Sim Não
- 8) Numa escala de 1 a 12, assinale a sua:

a) Posição Religiosa:

① 2 3 4 5 6 7 ⑧ ⑨ ⑩ ⑪ ⑫
Nada Religioso/a Muito Religioso/a

b) Posição Política/Ideológica:

1 2 3 4 5 6) ⑦ ⑧ ⑨ ⑩ ⑪ ⑫
Extrema Esquerda Extrema Direita

- 9) Conhece alguém que seja bissexual? Sim Não Não sei
- 10) Indique o sexo dessa/dessas pessoas: F M Ambos

- 11) Numa escala de 1 a 6, assinale o grau de proximidade com essa/essas pessoas:

① ② ③ ④ ⑤ ⑥
Pouco Muito
Próximo/a Próximo/a

Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Feminina

(Melo & Alberto, 2017 Adaptado de Mohr & Rochlen, 1999)

Leia cada uma das seguintes afirmações e responda de acordo com a sua opinião. Por favor, responda com sinceridade e honestidade, tendo em conta que não existem respostas certas ou erradas. Em cada afirmação assinale o seu grau de concordância, de (1) Discordo completamente a (5) Concordo completamente.

	1	2	3	4	5
1. A maioria das mulheres que diz ser bissexual está a negar a sua orientação sexual.					
2. A crescente aceitação da bissexualidade feminina indica um declínio nos valores da sociedade.					
3. A maioria das mulheres que diz ser bissexual está a experimentar temporariamente a sua sexualidade.					
4. As mulheres bissexuais são doentes.					
5. As mulheres bissexuais têm medo de se comprometer com um estilo de vida.					
6. As mulheres bissexuais têm um sentido mais claro sobre a sua verdadeira orientação sexual.					
7. Se tivesse uma filha bissexual ficaria chateado/a.					
8. Lésbicas são menos confusas sobre a sua orientação sexual que mulheres bissexuais.					
9. Não deveria ser permitido mulheres bissexuais serem professoras.					
10. A bissexualidade feminina é imoral.					
11. A bissexualidade feminina é uma fase de experimentação.					
12. As mulheres bissexuais têm medo de se comprometer em relações íntimas.					
13. Na minha opinião, a bissexualidade feminina é antinatural.					
14. A bissexualidade feminina é uma perversão.					
15. A bissexualidade feminina é uma orientação estável.					
16. A maioria das mulheres que se identifica como bissexual ainda não descobriu a sua verdadeira orientação sexual.					
17. As mulheres bissexuais são obcecadas com o sexo.					
18. Todas as mulheres são um bocadinho bissexuais.					
19. As mulheres bissexuais não são capazes de terem relações românticas saudáveis.					
20. As mulheres bissexuais não deveriam poder ser mães.					
21. As mulheres bissexuais não são leais nas suas relações.					
22. Não gostaria de ser amigo/a de uma mulher bissexual.					
23. As mulheres bissexuais não são capazes de manter relações estáveis.					
24. As mulheres bissexuais têm uma vida sexual promíscua.					

Escala de Atitudes Face à Bissexualidade Masculina

(Melo & Alberto, 2017 Adaptado de Mohr & Rochlen, 1999)

Leia cada uma das seguintes afirmações e responda de acordo com a sua opinião. Por favor, responda com sinceridade e honestidade, tendo em conta que não existem respostas certas ou erradas. Em cada afirmação assinale o seu grau de concordância, de (1) Discordo completamente a (5) Concordo completamente.

	1	2	3	4	5
1. A maioria dos homens que diz ser bissexual está a negar a sua orientação sexual.					
2. A crescente aceitação da bissexualidade masculina indica um declínio nos valores da sociedade.					
3. A maioria dos homens que diz ser bissexual está a experimentar temporariamente a sua sexualidade.					
4. Os homens bissexuais são doentes.					
5. Os homens bissexuais têm medo de se comprometer com um estilo de vida.					
6. Os homens bissexuais têm um sentido mais claro sobre a sua verdadeira orientação sexual.					
7. Se tivesse um filho bissexual ficaria chateado/a.					
8. Gays são menos confusos sobre a sua orientação sexual que homens bissexuais.					
9. Não deveria ser permitido homens bissexuais serem professores.					
10. A bissexualidade masculina é imoral.					
11. A bissexualidade masculina é uma fase de experimentação.					
12. Os homens bissexuais têm medo de se comprometer em relações íntimas.					
13. Na minha opinião, a bissexualidade masculina é antinatural.					
14. A bissexualidade masculina é uma perversão.					
15. A bissexualidade masculina é uma orientação estável.					
16. A maioria dos homens que se identifica como bissexual ainda não descobriu a sua verdadeira orientação sexual.					
17. Os homens bissexuais são obcecados com o sexo.					
18. Todos os homens são um bocadinho bissexuais.					
19. Os homens bissexuais não são capazes de terem relações românticas saudáveis.					
20. Os homens bissexuais não deveriam poder ser pais.					
21. Os homens bissexuais não são leais nas suas relações.					
22. Não gostaria de ser amigo/a de um homem bissexual.					
23. Os homens bissexuais não são capazes de manter relações estáveis.					
24. Os homens bissexuais têm uma vida sexual promíscua.					